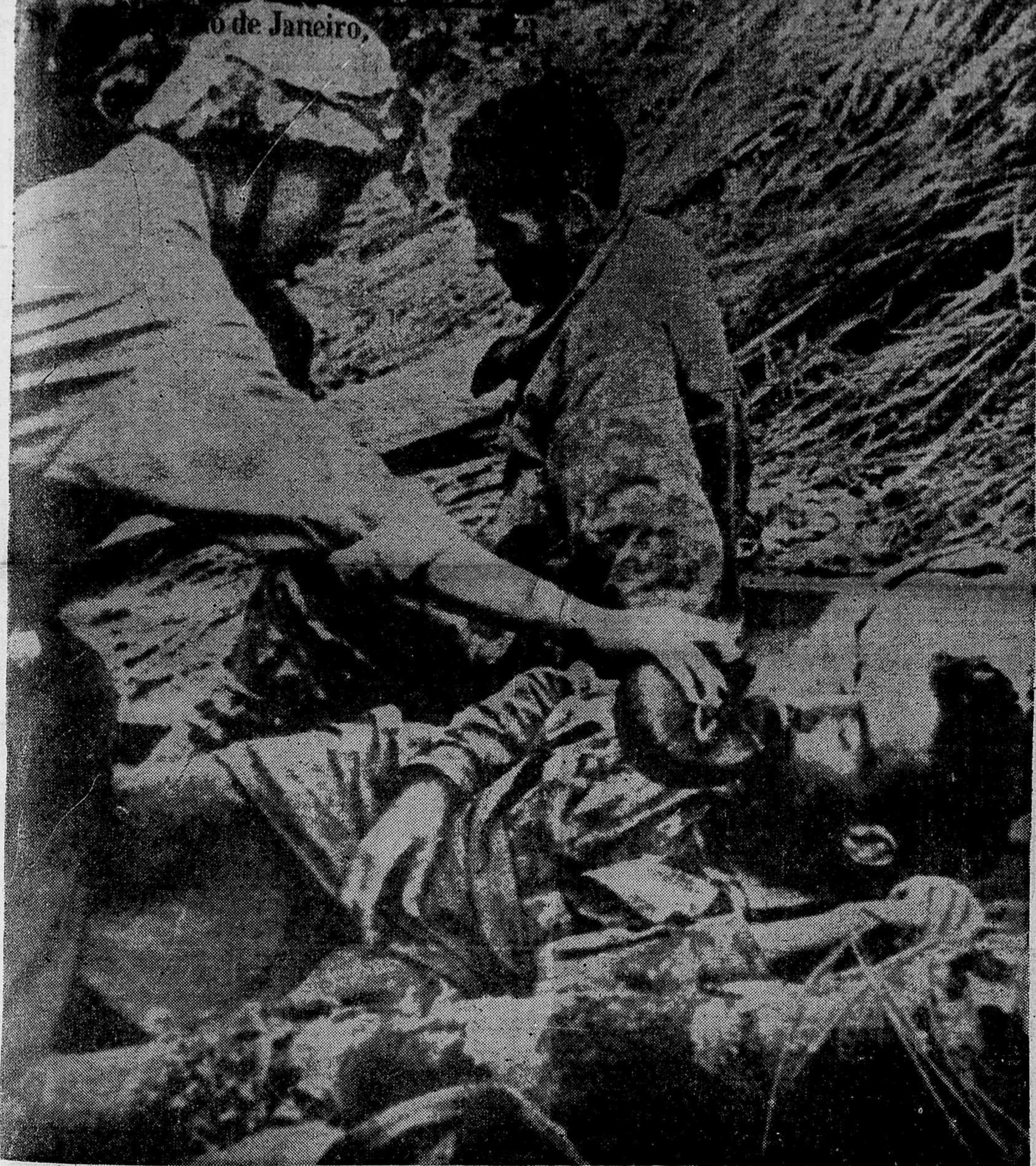


VOZ DA LIBERTADE

10 de Janeiro,



Armas ianques,
Generais franceses
Derrotados no

Vietnam

LEIA NAS PAGINAS 3 E 9

A VITÓRIA SERÁ OBRA DE MILHÕES

Os fatos estão mostrando com evidência cada vez maior que se amplia e fortalece continuamente a luta do povo brasileiro pela paz e a independência nacional. Nesta luta cabe um importante papel aos sindicatos, às associações camponesas, femininas e juvenis, bem como às organizações que lutam contra a guerra e pela soberania da pátria.

As organizações de massas procuram unir e organizar amplas camadas da população, para que possam oferecer uma resistência eficaz à política de guerra do atual governo e às consequências imediatas dessa política — a carestia da vida, os salários de fome, a fascitização do país e sua colonização pelos imperialistas ianques. A medida que se estende e se amplia a luta, compreendem com maior clareza as massas a necessidade de derrotar a política de guerra e abrir caminho para uma nova política de paz, bem-estar, independência e liberdade. Assim, centenas de milhares, milhões de brasileiros começam a tomar em suas mãos a causa da libertação nacional. Esse objetivo grandioso não será jamais obra de meia dúzia de «salvadores», mas só pode ser atingido pela luta de milhões.

Portanto, as organizações de massas necessitam atrair para suas fileiras e unir cada vez mais novas e amplas camadas de população para que possam representar a imensa força de milhões de brasileiros e assim realizar com êxito sua grandiosa tarefa. Trata-se da necessidade de ampliar a base de massas dessas organizações, de incorporar à sua atividade milhares de novos combatentes, de criar milhares de novos conselhos de paz, centros patrióticos, conselhos sindicais, clubes juvenis, associações camponesas, organizações femininas, nas empresas, nos bairros, nas escolas, nas vilas e nas fazendas.

As consequências tremendas da política de guerra do governo de Getúlio Vargas caem pesadamente sobre os ombros das massas e fazem sentir seus efeitos desastrosos em todos os lugares e em diversas. Estas lutas despertam milhares e milhares de descontentamento, aumentam a revolta e as massas demonstram que procuram uma solução, uma saída para a situação que já se torna intolerável. A consulta popular para o Congresso dos Povos, a campanha patriótica contra o acordo militar, as grandes greves operárias, as lutas camponesas que irrompem aqui e ali provam que as massas querem lutar e passam à ação em defesa de seus interesses vitais, pela salvaguarda da paz e pela independência nacional. Existem todas as condições para tornar as organizações de massas cada vez mais potentes em todos os aspectos da vida cotidiana. Generalmente de pessoas antes inativas e impulsionam um poderoso movimento de solidariedade. É preciso pois encontrar os meios de incorporar à ação e organizar os milhares de patriotas que manifestam sua simpatia e apoio ao trabalho das organizações de massas.

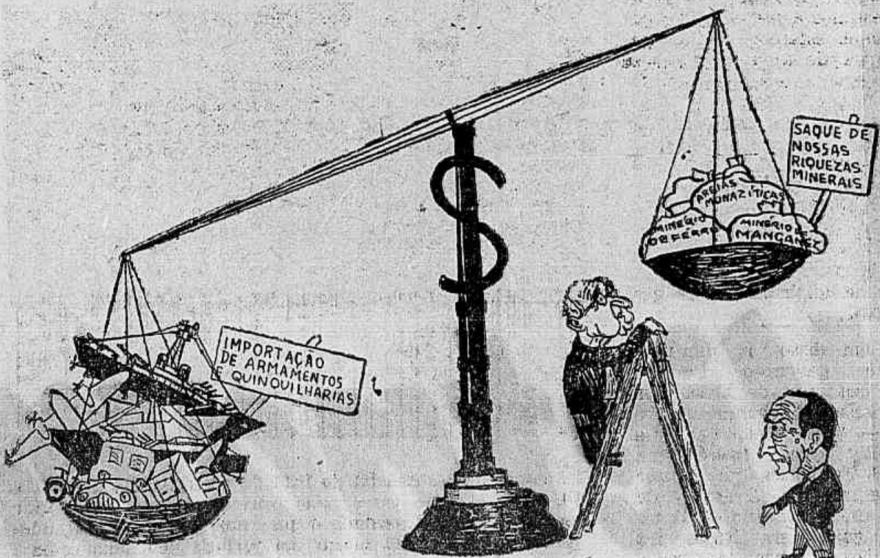
Os comunistas, como os combatentes mais consequentes pela paz, pela libertação nacional e pelos interesses das massas consideram seu dever a participação ativa nas organizações de massas. Procuram impulsionar sua atividade, elevar sua combatividade e orientar com acerto a sua atuação. Levando em consideração as tarefas específicas de cada organização de massa, os comunistas esforçam-se também por conseguir a participação destas organizações na luta de todo o povo pela paz e a independência nacional.

O fortalecimento das organizações de massas, sua ampliação com milhares de novos combatentes, a intensificação de suas atividades são condições indispensáveis para a vitória do povo sobre seus inimigos e a conquista dum regime de paz, bem estar e independência.

BALANÇA COMERCIAL

A exportação de minérios para os Estados Unidos aumenta sem cessar. Mas o Brasil está cada vez mais endividado. O déficit da balança comercial vai além dos 200 milhões de dólares. Continua a importação de automóveis de luxo, de bebidas finas, etc. O governo compra armamentos de toda espécie.

(Do noticiário dos jornais)



JOHN NEVES ESSÔ: — Para equilibrar a balança, presidente, é preciso botar soldadas neste prato de cá.

VOZ DOS LEITORES

DESCALABRO NA VIAÇÃO BAIANA

«Os trabalhadores da Viação Baiana do S. Francisco, empresa responsável pelo transporte fluvial, no sertão do Estado, além dos baixos salários sofrem as consequências da desorganização que lavra naquela companhia de transportes. A Viação Baiana entregou a um desmoralizado protegido de Getúlio e Regis Pacheco, conhecido pelo nome de Juca Viana, tem cinco vapores de sua frota nos estaleiros enquanto quatro outros apenas estão no serviço ativo. A falta dessas cinco unidades no tráfego provoca o congestionamento da carga nos portos de embarque. Apesar disso nenhuma providência foi tomada pela administração relapsa que dirige a empresa. Podemos citar como exemplo o caso do vapor «Fernandes da Cunha» que estando há cerca de três meses nos estaleiros da companhia, ainda não levou um parafuso sequer, estando seu casco entregue à ação destruidora do tempo. Também outros vapores, como o «Djalma Dutra», «Barão de Cotegipe» estão paralisados sem que sofrem quaisquer reparos. Houve a esse respeito um caso pitoresco. O vapor «Djalma Dutra» após ter sofrido a avaria que o paralisou foi dado como «perdido» pelo seu comandante que telegrafou ao diretor da empresa afirmando ter o mesmo naufragado, quando na verdade o vapor no dia imediato seguiu viagem, sem ter recebido qualquer reparo.

Enquanto ocorre toda essa série de fatos que demonstra na prática a desorganização e o descalabro na Viação Baiana do São Francisco, os trabalhadores da empresa vivem na miséria, com salários infames e sujeitos ainda por cima de tudo isso a um regulamento de ferro. Há dois anos os salários na Viação estiveram atrasados de 3 meses.

Foi preciso muita luta e inclusive a greve para que fossem pagos os atrasados. Agora além do atraso no pagamento dos ordenados o aumento de salários já homologado pela Comissão de Marinha Mercante, e calculado em 35 por cento está sendo sonogado, apesar das célebres promessas que Getúlio fez a uma «comissão» de pelegos de passagem pelo Rio. Quando esse velho demagogo do Catete esteve na Bahia a pelegada da Viação Baiana esteve na cidade tentando obter meios para uma «homenagem espontânea». Apesar de o pessoal ter se recusado a tomar parte na «farrá» a turma de puxa-sacos foi a procura do «pai dos trabalhadores». Mas eis que se deu o imprevisto: Getúlio se recusou a aparecer e mandou a pelegada embora sem nada prometer. Assim o aumento de 35 por cento não saiu e a turma de trabalhadores da Viação Baiana constatou que somente a greve ou uma luta equivalente pode fazer com que a direção da empresa pague o aumento. Outros fatos demonstram o cinismo da pelegagem que inclusive está tentando destruir o sindicato para evitar as lutas dos trabalhadores por melhores salários.

(As. Antonio Ferreira, Juazeiro, Bahia).

Salve o Grande Prestes

«Vimos pela presente saudar o líder querido do nosso povo, o Cavaleiro da Esperança, no transcurso de seu 55º aniversário. Fazemos votos que esta feliz data se reproduza por muitos anos para que o povo brasileiro possa ter de volta ao seu meio essa figura que muito representa para os trabalhadores e que tão firmemente vem comandando a luta do nosso povo pela paz e pela independência nacional.

(As. Elias Rosendo da Silva, Maria Rosendo Genesio Correia e mais 25 assinaturas).

Um Explorador Ademarista

«Um vereador do P.S.P., partido do assassino e demagogo Ademar de Barros, Francisco Ruiz, é proprietário de uma importante cerâmica em Pederneras, Estado de São Paulo. Apesar de se dizer amigo dos pobres esse indivíduo explora cerca de 220 trabalhadores, em sua maioria do sexo feminino, pagando salários de Cr\$32,00 por oito horas de serviço, todo ele executado nas piores condições sani-

tárias. O pessoal explorado por esse políptico ademarista não se conforma, porém, e está se preparando para enfretar nido à ganância do dono da cerâmica. As moças, principalmente, desejam levar a luta por melhores salários e condições de trabalho, já tendo procurado entendimentos com o patrão, que

por sua vez prometeu «estudar o caso». Os trabalhadores da Cerâmica de Pederneras não foram muito com a conversa do rico vereador e estão dispostos a lutarem por um aumento de salários que lhes possibilite viver.

(Ass.) — EDUARDO CAMPOS, Pederneras, São Paulo.

PRESTES ILUMINA O NOSSO CAMINHO

«Na data de 3 de janeiro de 1953 enviamos a Luiz Carlos Prestes as saudações mais sinceras dos camponeses de Ranchoraria, que vêm nesse magnífico líder do povo brasileiro a luz que ilumina o seu caminho em busca de uma vida melhor. Nós, que sofremos como ninguém os horrores da exploração feudal capitalista, temos o indeclinável dever de saudar essa impoluta figura do movimento revolucionário nacional. Aprendemos com Prestes a defender a soberania do país, suas imensas riquezas, e ainda comandados por ele lutamos por uma vida melhor para os

brasileiros, pelo direito da juventude à vida e em defesa de nosso ideal supremo a Paz. No momento em que o parlamento vota leis contrárias aos mais cozinhos interesses nacionais, como a lei de Segurança e esse infame tratado de guerra e submissão que é o «Acórd» Militar, nós, homens do campo, olhamos confiantemente para Prestes, certos que o valor de suas palavras e das de seu Partido nos levarão a derrotar esse agrupamento de sinistros inimigos do povo. Queríamos saber expressar todo o vigor de nossos sentimentos nesse momento em que Prestes comemora mais um aniversário a fim de que pudéssemos transmitir aos camponeses e operários o nosso profundo amor e carinho para quem tanto vela por nós e por nossos interesses.

Assistência Social...

O leitor A. Gomes, de Santo André, São Paulo, envia-nos a seguinte carta:

«Aqui em Santo André o Armazém do SESI vem ultimamente se recusando a vender o óleo de algodão para os industriais, obrigando-os a comprar o óleo de amendoim, muito mais caro e de menor rendimento. Assim os operários ao invés de gastar Cr\$ 13,40 com o litro do óleo de algodão, se vêem obrigados a pagar Cr\$ 15,50 por um combustível de pior qualidade e de maior gasto. Por outro lado, para aumentar os lucros do armazém, a «caixa» nunca tem trôco para dar aos compradores, usando largamente sistema do «devo». Além disso, nossas compras no armazém do tubarão Evaldo Lodi, têm de ser antes do recebimento da mercadoria, acontecendo então, que nem sequer sabemos o que estamos comprando.

Aproveito a oportunidade para relatar o seguinte fato:

O vigário de Santo André, a pretêxto de angariar doativos para suas obras sociais fez distribuir nas escolas um cartão com os quadros necessários para «fures» que custam Cr\$ 2,00. Es tes cartões foram distribuídos entre as crianças das escolas que estão sendo obrigadas a entregá-los devidamente furados com a importância de Cr\$ 10,00. Como estamos na época dos exames (N. da R. — Esta carta nos chegou com atraso) as diretorias das escolas desejando agradecer ao vigário advertiram as crianças de que se não trouxessem os cartões juntamente com os Cr\$ 10,00 não seriam aprovadas. Como muitas crianças não conseguiram coletar a importância estipulada, seus pais, temerosos de uma reprovação, trataram de dar os Cr\$ 10,00 pedidos.»

Salve Prestes! Salve o Cavaleiro da Esperança!
(As. Francisco Ferreira Ferro, Ranchoraria, S. Paulo).

Saudação De Duas Crianças A Prestes

Os nossos pequenos leitores Iní e Ide enviaram a Prestes um belíssimo cartão postal com a seguinte mensagem:

«Querido Companheiro Quem te escreve é uma menina de 11 anos que muito te admira. Eu e meu irmão menor depositamos muita fé e confiança em tua atividade por um Brasil livre e independente. Na passagem do teu 55º aniversário natalício te enviamos um grande abraço.»

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável: JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1712
SUCURSAIS
SAO PAULO — Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl 48
RECIFE — Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Sacl;
SALVADOR — Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248 - Sl 22
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.

Só Procuraram o Instituto Quando Não Há Mais Jeito

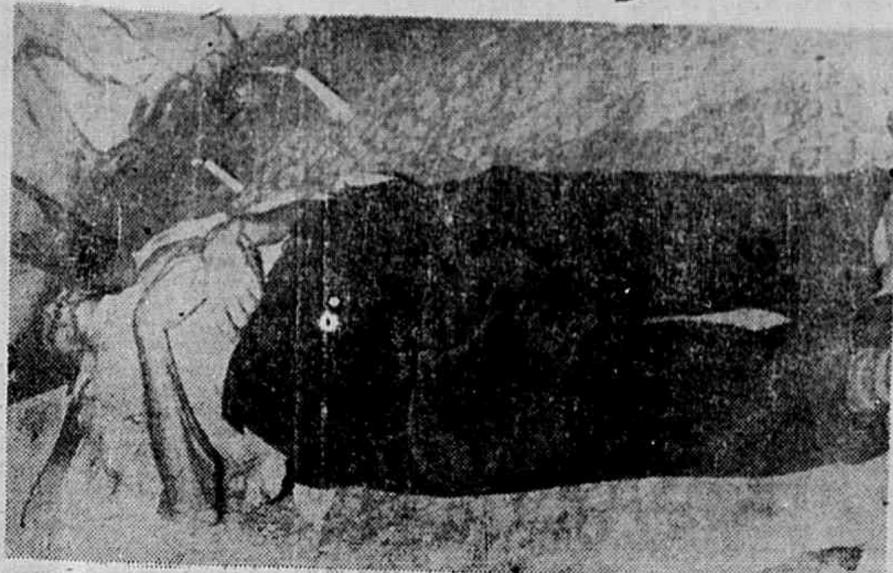
BENEFÍCIOS MÍNIMOS PARA UNS POUCOS — MAS SOBRA DINHEIRO PARA OS TUBARÕES E PARENTES DE GETÚLIO — EMPRÉSTIMO DE 1 MILHÃO PARA ANTÔNIO VARGAS — ALUGUEL ANTIGO PARA A LIGHT NO PRÉDIO DO INSTITUTO, ENQUANTO O I.A.P.I. SE DISPÕE A PAGAR 800 CONTOS POR MÊS — OPERÁRIOS QUE TRABALHAM ENFERMOS PORQUE O AUXÍLIO VEM DEPOIS DA MORTE

UMA das mais sérias preocupações que atormentam os trabalhadores nos países capitalistas é o dia de amanhã. Quantos operários, após gastarem todas as suas forças a serviço dos industriais, já inválidos e sem recursos, sofrem por terem de depender dos filhos, dum asilo e às vezes por pedir esmolas nas ruas.

Para o capitalista pouco importa o que ocorra aos homens que trabalham. O que lhe interessa é a realização do máximo de lucro mediante a exploração, a ruína e o empobreci-

mento da maioria da população. E, quando, o trabalhador fica doente, se acidenta no serviço ou morre é jogado fora como bagaço e substituído por outro provindo do exército de desempregados que ronda as portas das empresas.

Daí por que os trabalhadores sempre lutaram por conseguir instituições que lhes garantissem um futuro menos negro. Foi depois disso que em muitos países surgiram as organizações de previdência e assistência social. Foi assim que no Brasil foram criados os Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões.



Manoel Raimundo de Souza era aposentado com a ninharia de 790 cruzeiros mensais. Mal alimentado e sem se poder tratar, calu morto de inanição quando esperava na fila do IAPI da Rua Santana, no Rio, o mísero auxílio.

AS CASAS NÃO SÃO PARA OS TRABALHADORES

Os Institutos — conquista dos trabalhadores — ficaram, desde o início, sob o controle dos patrões e do governo. As taxas de descontos aumentam constantemente. Em contraste, porém, os auxílios são cada vez mais restritos, bastando dizer que dos 3 milhões de contribuintes dos 5 Institutos e 30 Caixas existente, somente uns poucos conseguem sigurs direitos. O IAPI, por exemplo, que possui 1.500.000 associados, construiu apenas 30 mil casas em 15 anos de funcionamento. Se encarmos os números apenas, chegaremos a conclusão triste de que em cada grupo de 50 trabalhadores, um ape-

nas mora em casa do IAPI, mas a desproporção é mais berrante ainda. Em virtude dos altos alugueis de 700, 1200 e 1500 cruzeiros só os chefes e mestres das empresas ou os protegidos dos Institutos recebem as casas. No conjunto residencial do IAPI em Vila Mariana, na capital paulista, não mora um industrial sequer. As inscrições para aquisição de casas são acompanhadas de tais exigências — inclusive tempo mínimo de vida dos candidatos — que fazem desistir a qualquer um. No ano passado no IAPI se inscreveram 30 mil interessados mas, no dia do encerramento, apenas 3 pessoas tinham podido preencher todas as formalidades. E, não é por acaso que cerca de meio milhão de habitantes do Rio

moram em quartos e favelas infectos, enquanto Getúlio tenta ainda iludir as massas com as suas realizações.

Para os ricos, sim, a coisa é diferente. Os Institutos concedem-lhes fabulosos financiamentos para a construção de arranha-céus como os vistos em Copacabana e nos centros do Rio e de S. Paulo.

A MORTE CHEGA ANTES DO AUXÍLIO

A vida dos operários doentes é terrível. Muitos deles relutam em procurar os Institutos temendo a desgraça que os aguarda. Sabendo que vão passar mais miséria e ficar abandonados sem tratamento, eles continuam trabalhando como acontece com grande percentagem dos operários da Fábrica Rio Tinto, na Paraíba, que são tuberculosos. E, só quando não há mais recurso, o operário se entrega ao Instituto. Só no 16º dia de inatividade forçada o trabalhador pode recorrer ao Instituto e, ali chegando precisa aguardar cerca de 15 dias para submeter-se a exame. No dia marcado, quase sempre volta para casa sem ser examinado, após fazer grandes caminhadas. Os exames são uma coisa tenebrosa partindo do fato de que o doente, mal alimentado e sem dinheiro, tem de passar o dia nas filas onde muitas vezes cai desmaiado e até morto. Há poucos dias, um doente no Distrito Federal gastou o dia todo no IAPI da seguinte maneira. Às 8 horas submeteu-se a exame dentário, às 12 dermatológico e às 16 ainda aguardava a chegada do oto-rino-laringologista.

Após todos esses sacrifícios que duram meses, frequentemente o Instituto chega à conclusão de que não há necessidade de conceder auxílio porque o operário ainda não pagou 12 mensalidades ou porque não possui 2/3 de incapacidade (não basta estar doente, é preciso estar à morte). E esse auxílio é de apenas 66% dos míseros salários. Agora, sob pretexto de fazer economia, planejam elevar para 24 meses o tempo para a concessão de auxílio e acabar com a aposentadoria permanente, visando fazer retornar ao serviço ativo os 150 mil aposentados, que recebem ninharia de 300 a 700 cruzeiros mensais.

O GOVERNO QUEIMA O DINHEIRO DOS OPERÁRIOS

Mas, porque os Institutos não favorecem os trabalhadores e ainda pensam em fazer economia com maiores restrições aos associados? Co-

mo é sabido, são três os contribuintes: operário, patrão e governo. Em verdade, quem contribui é o operário. O governo não paga, e a sua dívida já orça pela casa dos 10 bilhões de cruzeiros, cabendo ao IAPI, 4,5 bilhões. Enquanto isso, Getúlio ordena que as despesas com as pastas militares no corrente ano sejam de mais de 10 bilhões. Quanto às empresas, muitas delas não obstante retirarem as percentagens devidos pelos operários, nada recolhem aos Institutos. A Fábrica de Tecidos Confiança já deve mais de 4 milhões de cruzeiros e, apesar das várias multas nada lhe acontece porque o sr. Leão, diretor da empresa é um apaniguado de Amaral Peixoto, genro de Getúlio.

Os Institutos em vez de exigirem restrições nas despesas militares para que o governo pague sua dívida, sugerem aumento de impostos: Cota de Previdência de 2% para 4%, selo de previdência, etc. o que virá sobrecarregar mais ainda o nosso povo.

AS NEGOCIATAS SÃO GRANDES

Para maior miséria e desespero em que vivem os associados, concorrem as negociatas feitas pelos chefes dos Institutos. O ex-presidente do IAPETC, Hilton Santos, embolsou 35 milhões de cruzeiros para consumir na campanha de sua candidatura, nas eleições passadas. Gabriel Pedro Moacir, ex-presidente do IAPI concedeu favores a apaniguados seus do Rio e dos Estados — empréstimos a prefeituras e governos estaduais sob a garantia de apólices a serem emitidas — verdadeiras «felipetas» sem cotação no mercado. Foi um rombo de 2 bilhões de cruzeiros. E, agora, transita pelo IAPI um pedido de financiamento de Antonio Vargas, de Porto Alegre, parente de Getúlio, no valor de 1 milhão de cruzeiros para construir edifícios de «distribuição de gêneros».

Além disso, os Institutos estão gastando dinheiro nas compras de ações das empresas de economia mista — Volta Redonda, Vale do Rio Doce, Hidrelétrica do S. Francisco, etc. — que nada rendem. Traia-se de um dinheiro morto — já foram gastos em títulos, 553 milhões de cruzeiros — pois,

quem garante os juros é o próprio governo que não paga nem suas contribuições.

A LIGHT, SOCIAL DOS INSTITUTOS

Dentre as muitas negociações convém notar que se deu com a Light. Oito parentes do edifício-sede Valparaíso, de propriedade do IAPI, são alugados à empresa estrangeira há mais de 5 anos. Mas, no ano passado venceu o contrato de locação e, embora o Instituto precisasse de imóveis para ampliar suas instalações, sabendo que teria de pagar atualmente um aluguel de 80 cruzeiros o metro, resolveu renovar o contrato com o traste pelo preço antigo, isto é, 40 cruzeiros. Um tal Dr. Sisson e mais três chefes — Nobrega, Barreto e Romulo — encheram os bolsos com isso e, agora o Instituto vai despendar 800 mil cruzeiros mensais com o aluguel de outro prédio.

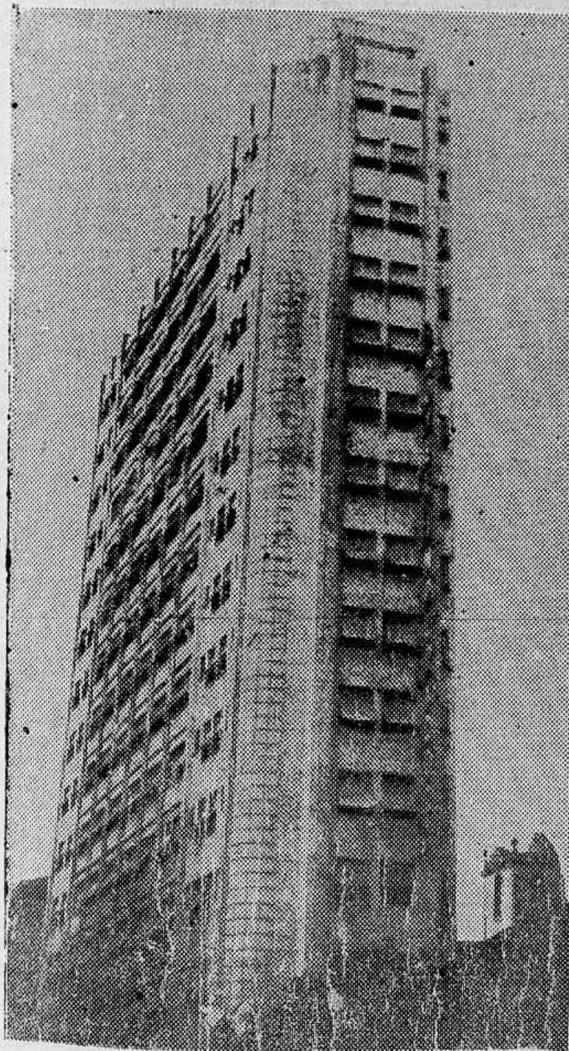
E' PRECISO CONQUISTAR AUXÍLIOS MAIS DIGNOS

Esse, o estado atual em que se encontram os Institutos e Caixas. Mas mãos dos exploradores, dentro desse regime de roubos e negociatas, com um tal governo de guerra e de fome, os Institutos não poderão cumprir com os seus objetivos, dar completo auxílio e bem-estar a todos os trabalhadores, tornar-se o amparo no dia de amanhã. Os Institutos devem ser organizações que beneficiem os trabalhadores e não arapucas

para sustentar ladroes e negociatas. O trabalhador não deve contribuir. Num regime pertencente aos trabalhadores e ao povo, em que o governo se preocupe com o bem-estar e a saúde da população, só contribuem o Estado e as empresas. Temos de caminhar para a conquista de um governo deste tipo, um governo verdadeiramente do povo.

Mas, de qualquer maneira, é possível conquistar muitas melhorias imediatas, lutando nos sindicatos para que os Institutos sejam administrados pelos próprios trabalhadores, e, ao mesmo tempo exigindo auxílios de 100% dos salários, pagamentos desde o início da inatividade, criação do auxílio desemprego e construção de casas baratas, redução das taxas de contribuição e aumento das contribuições dos patrões e do governo, combatendo por todos os meios as negociatas e roubos que vêm sacrificando os trabalhadores.

São questões todas para serem levantadas em assembleias nos sindicatos e nas empresas, discutidas no Brasil inteiro para, também, em forma de importantes teses serem levadas à CONFERÊNCIA INTERNACIONAL PARA A DEFESA, O MELHORAMENTO E A EXTENSÃO DOS SEGUROS SOCIAIS E DA SEGURIDADE SOCIAL, convocada pela F.S.M., a realizar-se de 2 a 6 de março do corrente ano em Viena, com a participação de representantes de todos os países.



Os Institutos financiam a construção de grandes edifícios para os ricos. Em 1950, só o IAPI destinou, 1,2 bilhões de cruzeiros para esse fim. No clichê um arranha-céu construído no Rio pelo IAPETC no qual não reside sequer um trabalhador



Um conjunto residencial do IAPETC em construção no Rio. Residências como essas são apresentadas como sendo para operários. A verdade é que raras são os trabalhadores que podem ali morar em virtude dos seus altos aluguéis

"FOI O POVO BRASILEIRO QUE MERECEU E OBTVEU ESSE PRÊMIO"

DECLARAÇÃO DE ELISA BRANCO AO RECEBER, NO KREMLIM, O PRÊMIO STÁLIN INTERNACIONAL DA PAZ

SINTO-ME feliz e honrada de levar ao povo brasileiro o Prêmio Internacional Stálin da Paz. Sei que meus méritos pessoais não são bastantes para tamanha honraria. Foi o povo brasileiro que mereceu e obteve esse prêmio, ao qual o nome do camarada Stálin dá tão profunda significação.

Estas foram as primeiras palavras da declaração feita por Elisa Branco, heroína brasileira na luta pela paz, ao receber na Sala Sverdlov, no Kremlin, o prêmio Stálin Internacional. Continuando, disse Elisa Branco:

«O Movimento dos Partidários da Paz no Brasil ampliou-se e aprofundou-se sensivelmente nos últimos anos. A preparação do Congresso dos Povos, de Viena, incorporou ao Movimento novas camadas da população, entre as quais inúmeras personalidades políticas e culturais. Esta preparação foi particularmente sensível no meio dos trabalhadores, o que é demonstrado pela participação na delegação brasileira de 5 representantes sindicais, entre os quais 4 presidentes de sindicatos. Tal ampliação se processou ultimamente também nos meios políticos, religiosos e intelectuais. Também confirma isso a realização, por outro lado, das assembleias de bairros, dos locais de trabalho, municípios e várias assembleias estaduais, bem como a Assembleia Nacional de Mulheres e Conferência Continental de Juristas realizada em novembro.

Cinco milhões de assinaturas foram recolhidas nas mais difíceis condições ao Apelo de Berlim. Pode-se

citar igualmente uma outra comissão e de luta contra o Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos, comissão organizada sob a presidência do General Edgard Buxbaum, ilustre figura de patriota. Essa comissão tem mobilizado a opinião pública brasileira contra o Acórdão Militar. O nosso povo obteve uma grande vitória, pois conseguiu que não fosse aprovado tal acórdão antes de o Legislativo encerrar seus trabalhos. Estas vitórias significativas demonstram que o nosso povo tem clareza do problema da paz e o sente indissolavelmente ligado ao problema de nossa independência nacional.

Não posso deixar de mencionar uma outra vitória que me é particularmente grata. Até agora nenhum soldado brasileiro partiu para a Coréia, apesar das violentas exigências do imperialismo norte-americano no sentido de que tropas brasileiras fossem para a guerra da Coréia. O nosso povo respondeu a essas exigências com uma grande campanha e uma onda de protestos da qual participaram resolutamente as mulheres. Participei pessoalmente dessa campanha e a luta do povo brasileiro contra o envio de tropas para a Coréia esteve intimamente ligada à luta contra a minha prisão, porque declarei que nossos filhos jamais guerrearíamos contra o povo coreano. Não só o povo brasileiro me libertou como impediu até agora que o governo atendesse às reiteradas ordens dos homens de Wall Street. Esta é também uma grande vitória do povo brasileiro.

Participei do Congresso dos Povos em defesa da Paz

como membro da delegação brasileira, composta por homens das mais diversas classes sociais e dos mais diferentes pensamentos. Para mim o congresso foi um espetáculo de inextinguível beleza e de uma incomparável expressão. Pude sentir em Viena a força invencível dos povos em prol da paz e sua convicção de que é possível solucionar pacificamente os problemas Internacionais. Os povos deram em Viena um grande passo no sentido da conquista da paz.

A realização do Congresso dos Povos em Defesa da Paz e as decisões nele aprovadas constituem uma das poderosas derrotas do imperialismo norte-americano. Os povos estão isolando os ateadores de guerra e estão conseguindo a unidade necessária para salvar a paz.

O Prêmio Internacional Stálin da Paz é a maior recompensa que um ser humano pode receber nos dias de hoje. Aceitei o Prêmio como uma honraria conferida à luta do meu povo e o transmito a todos os brasileiros partidários da paz, sem distinção de credo político, crença religiosa ou classe social. Sei que o povo brasileiro se sentirá orgulhoso desse prêmio e de uma representante sua ser laureada juntamente com o grande amigo do Brasil, uma das glórias da literatura do nosso século e um exemplo de dedicação à causa de paz, Ilya Ehreburg.

O povo brasileiro admira a União Soviética e é grato ao governo da URSS e ao povo soviético pelo imenso trabalho que tem realizado em defesa da Paz Mundial. O Povo brasileiro ama profundamente o camarada Stálin. Quando do seu 70º aniversário, num tempo difícil para nós, os brasileiros escreveram seu nome bem alto nas montanhas do Rio de Janeiro. No Brasil é maior do que nunca e gratidão dos trabalhadores e do povo do Brasil ao grande porta-bandeira da paz mundial e da felicidade humana, ao melhor amigo do povo brasileiro, o camarada Stálin.

A nova lei eleitoral italiana



DE GASPERI — É muito simples: os nossos votos serão contados assim e os da oposição assim... (DO «VIE NUOVE»)

DIANTE da desmoralização crescente dos partidos das classes dominantes na Itália, o imperialismo tanque ordenou a seu laço De Gasperi uma seria reforma eleitoral por motivo das eleições parlamentares de abril próximo.

Quatro partidos reacionários — Democrata Cristão, Social Democrata, Liberal e Republicano — após demoradas confabulações, subscreveram um acordo comprometendo-se a apoiar na Câmara o anti-democrático e vergonhoso projeto que determina que o partido ou bloco de partidos que reunir 50% mais um eleitor, terá 65% das cadeiras, ou sejam 380. Eles irão às urnas com candidatos únicos. Mas, não ficaram só nisso. Aprovaram também, medidas contra a liberdade de imprensa, sindical, de propaganda e contra a atividade dos partidos da oposição.

Essas medidas visam impedir o pronunciamento livre do povo, contrário a política de submissão ao imperialismo americano seguida pelos partidos das classes dominantes, pois,

já nas eleições municipais de 1951, o Partido Democrata Cristão perdeu cerca de 1 milhão e meio de votos em relação a 1948, enquanto foi posta em destaque a força crescente do campo democrático.

Tal lei se reveste de um aspecto tão indecoroso que os próprios membros dos partidos do acordo protestaram e se revoltaram contra a confabulação dos quatro, tomando a iniciativa de convocar uma conferência nacional extraordinária de todos os social-democratas que condenam a atitude dos líderes social-democratas.

E, nas ruas, o povo, tendo à frente os seus verdadeiros líderes — deputados e dirigentes do Partido Comunista e do Socialista de Nenni — realizaram enormes e poderosas manifestações — passeatas, greves, etc. — enquanto no Parlamento os seus inimigos aprovavam a lei infame. Tão fortes foram as manifestações que, só em Roma foram efetuadas cerca de 2 mil prisões durante os choques havidos entre o povo e a polícia do americanizado De Gasperi.

Você precisa ler

DEMOCRACIA POPULAR

— CIRCULA ÀS TERÇAS-FEIRAS —
— semanário de atualidade política —

CRÔNICA INTERNACIONAL

Informa-se que os eleitores americanos comecem a interpelar Eisenhower sobre a sua promessa de acabar com a guerra na Coréia — promessa sensacional, feita às vésperas do pleito, e que lhe assegurou a vitória. O atual ocupante da Casa Branca tem desconversado apenas, e quando age é em sentido contrário ao de suas palavras.

Que fez ele, efetivamente, em favor da paz na Coréia? Antes de tomar posse, em dezembro, deu um passeio até o teatro da guerra, conversou com os governantes títeres da Coréia do Sul e com os generais tanques, examinou mapas e regressou dizendo que não tinha encontrado uma «fórmula» para cumprir o que prometera.

Diga-se, de passagem, que essa fórmula, que ele não encontra, já foi encontrada e apresentada pelos povos, através do Congresso de Viena, e pelos diplomatas soviéticos, através da ONU: a cessação imediata do fogo na Coréia. Cessar o fogo e prosseguir as conversações para resolver os problemas pendentes, eis a solução mais clara, simples, mais coerente, mais eficaz, mais urgente e que corresponde aos anseios dos soldados no «front», de suas famílias e de todas as pessoas no mundo que querem honestamente a paz.

Entretanto, Eisenhower manda desencadear domingo último um pesado ataque, que aliás fracassou, contra as posições co-

O «Bem» e o «Mal» Na Filosofia da Casa Branca

reanas, e os boatos farejados na Casa Branca e soltos no mundo pelas agências telefônicas americanas falam agora na extensão do conflito ao território chinês, como «meio» de terminá-lo. Como se recorda, o discurso de posse de Eisenhower, filosófico na forma e belicoso no conteúdo, já insinuava essa esdrúxula saída, ao afirmar: «Com o propósito de obter a paz para o mundo, tivemos que combater nos bosques das Ardenas, nas praias de Iwo Jima e nos picos das serras da Coréia».

Mas o povo não é imbecil para admitir que os americanos tenham invadido a Coréia, bombardeado suas populações civis, arrasado suas cidades, empregado as bombas napalm e bacteriológicas, tudo isso «com o propósito de obter a paz para o mundo». O povo entende que o meio justo para alcançar a paz é logicamente evitar a guerra, e se ela já existe, como no caso presente, o que se tem a fazer não é ampliá-la, é ac-

abar com ela. Esta a realidade. O resto são sofismas grosseiros.

Não estranha, porém, que assim filosofe e aja o general Eisenhower, chefe de um governo de grande acionistas e diretores de trustes e monopólios, de um governo tão tipicamente representativo do regime capitalista contemporâneo. Não estranha, quando se sabe que a lei econômica fundamental desse regime é a busca voraz do lucro — não apenas do lucro médio ou do superlucro, não apenas da espoliação crescente dos trabalhadores e do povo do próprio país, mas a busca do lucro máximo, através da escravização e pilhagem das colônias e países atrasados, da transformação de nações independentes em dependentes, da organização de novas guerras e da tentativa de dominação mundial.

Felizmente esse é somente um lado da questão. Existe o outro lado: o sentimento de paz dos povos, sua luta poderosa em de-

fesa da paz. O general não ignora nem pode deixar de levar em conta essa realidade, já que em sua referida peça oratória foi forçado a falar em «promover as condições para a paz», e até a dizer: «Estamos prontos para nos unirmos a quem quer que seja num esforço comum para eliminar as causas do temor e a desconfiança recíproca entre as nações e, assim, tornar possível uma drástica redução dos armamentos».

São novos compromissos que assume e cujo cumprimento lhe será cobrado, de todos os modos, por todos quantos compreendem que a melhor maneira de eliminar o temor e a desconfiança é começar pela eliminação do conflito coreano — a maior ameaça à paz mundial neste momento. E assim temos Eisenhower, que tantos contrastes e confrontos levantou no seu discurso e tudo reduziu às categorias do «bem» e do «mal», vivendo o prisma de sua própria filosofia.

De fato, ele inicia sua gestão a debater-se entre as palavras e os atos, impensado entre o movimento democrático mundial e os trustes, entre sua própria posição ferocemente reacionária e guerrreira e a opinião pública de seu país, que exige a paz cada dia com mais firmeza. A Paz, que é sem dúvida um mal terrível para os seus patrões de Wall Street, mas que é o bem supremo pelo qual anseiam e lutam os povos do mundo inteiro.

VOZ OPERÁRIA

Suplemento

Documentos do Congresso dos Povos Pela Paz, realizado em Viena entre 12 e 18 de Dez. de 1952.

Apêlo do Congresso dos Povos Pela Paz

AO tomar a iniciativa de realizar o Congresso dos Povos pela Paz, o Conselho Mundial da Paz demonstrou seu desejo de unir os nobres esforços dos diversos movimentos, organizações e correntes que, divergindo embora sobre varias questões, aspiram no entanto, ao entendimento entre os povos e querem lutar em comum para impedir a guerra e construir a paz.

Uma discussão livre revelou a vontade unânime de pôr fim à política de força que trouxe nos povos grandes infelidades e que ameaça arrastar a humanidade à catástrofe.

Consideramos que não existem entre os Estados divergências que não possam resolver-se por meio de negociações.

Basta de destruir cidades e países, basta de acumular armas assassinas, basta de pregar o ódio e concitar à guerra! Já é tempo de discutir, já é tempo de se chegar a um entendimento!

Dirigimo-nos aos governos das cinco grandes potências: Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, República Popular da China e França, das quais depende em tão grande medida a paz do mundo; concitamo-nos a iniciar imediatamente negociações com o objetivo de concluir um Pacto de Paz.

Imensa responsabilidade recai sobre os governos das cinco grandes potências. Os povos aguardarão sua resposta. Os povos tudo farão para que prevaleça o espírito de entendimento.

Exigimos a cessação imediata de todas as hostilidades na Coreia. Enquanto cidades forem destruídas, enquanto correr sangue não há possibilidade de entendimento. Desde que as hostilidades tenham cessado, as partes belligerantes chegarão mais facilmente a um acordo sobre as questões em litígio.

Estamos convictos de que nossa reclamação imparcial, justa e humana terá o apoio de todos os homens de boa vontade.

Insistimos igualmente na cessação imediata das hostilidades no Viet Nam, no Laos, no Camboja e na Malaca, e no respeito ao direito absoluto dos povos interessandos na independência.

Conclamamos a que cesse a violência empregada para sufocar as legítimas aspirações nacionais à independência, como na Tunísia e em Marrocos.

O Congresso dos Povos pela Paz proclama o direito de todos os povos a dis-

porerem de si mesmos, e a escolherem o seu modo de vida, sem nenhuma ingerência em seus negócios internos sejam quais forem os motivos invocados para justificá-la: A independência nacional de todos os Estados constitui a suprema garantia da paz.

Protestamos contra qualquer discriminação racial que, insultando a consciência humana, agrava os perigos de guerra.

Estamos certos de que os pactos militares, através dos quais o mais forte arrasta o mais fraco, e a presença em território nacional de bases e militares estrangeiros, constituem ameaça grave à segurança de um país que pode ser levado à guerra contra a sua vontade. Consideramos que um Estado que não participa de uma coalizão e não recebe tropas estrangeiras em seu território deve ser garantido contra a ameaça de uma agressão declarada ou latente.

Os dois braseiros da última guerra ameaçam transformar-se, reacender-se na Europa.

Entretanto, é possível e necessário que se chegue, por meio de negociações à solução pacífica dos problemas alemão e japonês. Pensamos ser necessário concluir no mais curto prazo um tratado de paz com uma Alemanha unificada e democrática, excluindo a sua participação em uma aliança militar dirigida contra qualquer país, uma Alemanha onde não haverá lugar para o nazismo nem o militarismo, que fizeram a desgraça da Europa. Propomos seja concluído um tratado de paz com o Japão, pondo termo à sua ocupação e permitindo ao povo japonês reintegrar na comunidade das nações pacíficas. Pensamos ser necessário retomar as negociações do tratado de Estado sobre a Áustria, que libertará este país da ocupação estrangeira.

Ouvimos os relatórios sobre o emprego da arma bacteriológica, feitos por eminentes especialistas de diversos países que estiveram na Coreia e na China. Profundamente emocionados por esses relatórios, exigimos de maneira categórica a interdição imediata da guerra biológica e a adesão de todos os

Estados ao Protocolo de Genebra de 1925. As grandes realizações da ciência não devem ser um meio de destruir milhões de seres humanos sem defesa. Exigimos ao mesmo tempo a interdição absoluta das armas atômicas, químicas e outras armas de extermínio das populações civis.

Estigmatizamos os homens pouco clarividentes que pretendem que a corrida armamentista é capaz de reforçar a segurança dos Estados. Estamos certos de que a corrida aos armamentos reforça, ao contrario, a ameaça a todos os Estados, grandes e pequenos.

Intérpretes da vontade dos povos, insistimos na abertura imediata de negociações a respeito do desarmamento que deve ser justo e não unilateral. Estamos convictos de que um controle internacional eficaz permitirá pôr em prática o desarmamento geral, simultâneo, progressivo e proporcional.

Apoiamos as palavras dos representantes de todos os povos que insistem no sentido de que as trocas de valores materiais e culturais sejam o mais rapidamente reiniciadas entre os Estados. Os obstáculos ao comércio internacional, ao intercâmbio científico, literário e artístico, prejudicam o bem-estar e o progresso da humanidade.

Pensamos que a Carta da ONU oferece garantias de segurança a todos os Estados do mundo, mas essa carta está sendo desrespeitada em seu espírito e seu texto. Insistimos em que a República Popular da China ocupe o lugar que lhe cabe na ONU. Insistimos igualmente na admissão dos 14 países que não podem, até o momento, fazer ouvir a sua voz.

Insistimos, enfim, em que a ONU volte a ser o terreno de entendimento entre os governos e não frustre por mais tempo as esperanças que todos os povos do mundo nela tinham posto.

Os povos, sejam quais forem os seus regimes e o seu ideal supremo, querem viver em paz. A guerra é odiada por todos os povos, a guerra lança sua sombra sobre todos os berços. É possível aos povos mudar o curso dos acontecimentos, dar aos homens confiança na tranquilidade do amanhã.

Concitamos os povos do mundo inteiro a lutar pelo espírito de entendimento e negociações, pelo direito dos homens à paz.



Delegados do Leste e Oeste, presentes ao Congresso, passeiam pelas ruas de Viena

MENSAGEM DO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ

AOS GOVERNOS DAS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

TORNA-SE cada dia mais imperiosa a necessidade de renunciar ao emprêgo da força como meio para solucionar os conflitos internacionais. Seiscentos milhões de homens e mulheres de todos os países, num compromisso pessoal, expresso por sua assinatura, já reclamamos às cinco grandes potências que negociem e concluem um Pacto

de Paz. Representantes de importantes correntes da opinião pública também manifestaram seu empenho em que se renuncie ao emprêgo da força em favor das negociações.

Expressando o desejo de toda a humanidade, o Congresso dos Povos Pela Paz, instalado no dia 12 de dezembro de 1952, em Viena, convida solenemente os governos

dos EE.UU. da América, das Repúblicas Socialistas Soviéticas, República Popular da China, Grã-Bretanha e França, a entabular estas negociações, de que depende a paz. O acordo entre as 5 grandes potências e a conclusão de um Pacto de Paz porão termo à tensão internacional e salvarão o mundo das maiores desgraças. Os povos o reclamam.



Kuo-mo-jo e demais delegados chineses, no grandioso Congresso

A Comissão encarregada de examinar os problemas de independência e de segurança proclama unanimemente que o respeito ao direito de cada povo à livre escolha de seu modo de vida, a salvaguarda da independência nacional e a garantia de segurança de todos os países — grandes e pequenos — destacam-se cada vez mais como as condições essenciais para a manutenção da paz.

A segurança e a independência nacionais de um país não poderiam ser garantidas quando esse país é arrastado a um pacto contrário ao espírito da Carta da ONU e dirigido contra uma ou varias potências, quando tropas, bases ou comandos militares estrangeiros se instalam em seu território, o que pode ter como consequência lançá-lo em uma guerra sem que o seu povo e suas instituições legais hajam para isso dado seu consentimento.

A Comissão assinala, particularmente, o perigo que resulta para a paz geral, os empreendimentos militares coloniais que, ao mesmo tempo que agravam a opressão dos povos subjugados, criam focos de guerra que ameaçam ampliar-se.

A segurança e a independência nacionais de todos os países, grandes e pequenos, não poderão ser assegurados se o espírito de negociação não substituir, em todas as circunstâncias, o recurso à força para a solução das divergências internacionais.

O reconhecimento desses princípios deve encontrar sua expressão em

um Pacto entre as 5 grandes potências, condição indispensável para que a ONU tenha de novo a função pacífica que os povos lhe atribuíram na Carta de São Francisco. Ele permitirá às Nações Unidas escutar a voz dos povos tanto pela participação dos legítimos representantes do grande povo chinês, como pela admissão dos 14 países aos quais a própria ONU reconheceu o direito de participação. Ele assegurará efetivamente aos povos a possibilidade de proclamar e de fazer prevalecer sua vontade de paz.

É à luz de tais princípios que a Comissão estudou os problemas que

RECOMENDAÇÕES ADO- TADAS PELA COMISSÃO DO CONGRESSO DOS PO- VOS PELA PAZ ENCAR- REGADA DE EXAMINAR OS PROBLEMAS QUE SE RELACIONAM COM AS GUERRAS EM CURSO

submete à atenção dos homens amantes da paz: a situação atual da Alemanha, da Austria, do Japão e dos países coloniais, semi-coloniais ou dependentes.

A Comissão, em primeiro lugar, tomou conhecimento das propostas feitas pela Conferência Internacional realizada em Berlim de 8 a 10 de novembro de 1952, a fim de propiciar um desenvolvimento sadio e pacífico da Alemanha, garantindo, também, a segurança de seus vizinhos.

A Comissão as aprova e as reconhece inteira-

mente como suas. Essas propostas correspondem à vontade de camadas, cada vez mais amplas, da opinião pública. No entanto, os governos ocidentais se esforçam por acelerar a integração da Alemanha Ocidental no Dispositivo Atlântico. Daí resulta maior perigo de guerra. Mas, ao mesmo tempo, a pressão da opinião pública conseguiu retardar a ratificação dos Acordos de Bonn e de Paris. Os povos podem impedir definitivamente sua execução.

A Comissão apela, pois, para os povos visados por



Jovens delegadas coreanas assistem o desenrolar dos debates

esses Acordos no sentido de reunir suas forças, a fim de se oporem à sua ratificação pelos Parlamentos, assim como impedir sua aplicação sob qualquer forma com que se apresente.

A Comissão apela para todos os outros povos no sentido de que denunciem tais acordos e joguem na luta todo o peso de sua ação.

Ela conclama os povos a que unam suas forças para obter que os governos das 4 grandes potências — que disso foram incumbidos pelos Acordos de Potsdam e pela Carta da ONU — se reunam, sem mais tardar, em uma Conferência encarregada de preparar,

também com a participação dos próprios alemães, o tratado de paz que consagrar a reunificação da Alemanha sob base democrática e pacífica, e solucionar os problemas dentro do espírito dos Acordos de Potsdam.

Esse tratado deve devolver à Alemanha a independência e o direito nacional de dispor de si mesma. Por um lado, o tratado que obrigará a Alemanha, assim unificada e independente, a não fazer parte em nenhuma aliança que possa ser imposta contra outro tratado, serão igualmente garantidos aos povos a segurança, a integridade territorial e a independência.

A Comissão mais particularmente sobre esse ponto a Conferência de Berlim na qual nenhum poder seja exercido na Alemanha por forças nefastas e mens que, no entanto mal já fôsse país e ao mesmo tempo seja interdita a atividade militar nazi-hitleriana.

A Comissão declara a sua oposição a toda a Conferência de Paz na qual proclama o povo alienado, e a grande maioria, no interesse de sua nacional e independência, participando em alianças militares pactos que poderiam vir ao preparo da «unificação», e que «uma Alemanha reunificada apoiará todas as postas e todas as medidas que visem o bem-estar geral dos povos».

A Comissão se pronuncia igualmente pelo início, o mais rápido possível, das negociações entre as 4 grandes potências, concernentes ao tratado com a França. Com exceção de alguns pontos, já em um acordo sobre o conjunto desse tratado.

A Comissão apoia todos os esforços, quaisquer forem, que tenham como objetivo conseguir rapidamente essas negociações, a fim de

RESOLUÇÃO ADOTADA PELA COMISSÃO DO CONGRESSO ENCARREGADA DE EXAMINAR OS PROBLEMAS QUE SE RELACIONAM COM A INDEPENDÊNCIA E A SEGURANÇA

A Comissão, por unanimidade, tomou as seguintes decisões:

1.

SOBRE A COREIA

a) Cessação imediata do fogo na Coreia;

b) Adoção dos princípios contidos nos seguintes textos do sr. Kuo-Mo-Jo e do sr. Kitchlew:

«A questão do repatriamento dos prisioneiros de guerra deveria ser encaminhada de novo a uma «Comissão encarregada da solução pacífica da guerra coreana», de conformidade com os princípios assentados pela Con-

venção de Genebra; todas as tropas estrangeiras, incluindo os voluntários populares chineses, deveriam ser retiradas e a questão coreana deveria ser solucionada de maneira pacífica». (Texto das propostas do sr. Kuo-Mo-Jo).

«É necessário que todos os prisioneiros de guerra sejam repatriados de conformidade com o direito internacional. Não resta dúvida que existem varias maneiras de interpretar o Direito Internacional, mas é certo que uma vez cessado o fogo, depois de restabelecida a Paz, será mais fácil vencer essas

difficultades». (Texto do sr. Kitchlew).

2.

SOBRE A MALÁSIA

a) Cessação imediata das hostilidades;

b) Retirada imediata das tropas estrangeiras;

c) O povo malaio decidirá livremente de seu futuro e disporá livremente de todos os recursos de seu país.

3.

SOBRE O VIET-NAM

a) Cessação imediata das hostilidades, nos

três países Viet-Nam, Petath Lao e Kmer.

b) Retirada imediata das tropas estrangeiras dos três países: Viet-Nam, Petath Lao e Kmer.

As duas partes assumirão a responsabilidade de evitar nova perda de vidas humanas e todo novo prejuízo material, durante essa retirada;

c) Independência total e real dos 3 países.

Depois da retirada das tropas estrangeiras dos três países — Viet-Nam, Petath Lao e Kmer e da restauração de sua plena independência, o Congresso faz votos para que numa atmosfera de Paz, esses três países e a França estabeleçam acordos tendo em vista intercâmbios culturais e econômicos, sobre a base da igualdade e da reciprocidade de interesses.

(Adotado por unanimidade).

Viena, 19 de dezembro de 1952.



Um grupo de delegados de vários países, sauda em da tribuna os demais participantes do Congresso

Participemos do IV Congresso da C.T.A.L.

G. TELES

Sob a presidência de honra dos trabalhadores assassinados pela polícia de Getúlio na cidade do Rio Grande, reuniu-se em setembro último o Comitê Central da Confederação dos Trabalhadores da América Latina e resolveu convocar o seu IV Congresso Geral Ordinário. Esse conclave, que se realizará em Santiago do Chile, de 22 a 29 de março próximo, constituirá um importante passo para forjar a unidade continental dos trabalhadores. Organizações sindicais independentes e líderes sindicais de todas as tendências políticas e ideológicas estão convidados a participar do Congresso. Diz o Manifesto de Convocação:

«O Comitê Central da Confederação dos Trabalhadores da América Latina resolveu convidar os representantes da O.R.I.T., do Comitê Sindical Latino-Americano e outras organizações independentes para que, respeitando a organização, o programa e a autonomia das mesmas, discutam com a C.T.A.L. um programa mínimo de reivindicações para todos os trabalhadores da América Latina e a maneira de lutar em comum para a conquista dessas reivindicações, em benefício dos operários e camponeses, por cima de diferenças ideológicas ou de crenças religiosas».

Ao exprimir o desejo de que o IV Congresso seja um grande encontro fraternal de trabalhadores, chamados a unir suas fileiras sem outros compromissos que o de contribuir, pela força da unidade, para a conquista de um nível de vida mais elevado para todos a C.T.A.L. põe mais uma vez à prova a sinceridade dos dirigentes da O.R.I.T. e demais organizações e ao mesmo tempo se afirma aos olhos de todos como a campeã da luta pela unidade dos trabalhadores na América Latina.

A POLÍTICA DE GUERRA DO GOVERNO E A OFENSIVA CONTRA O NÍVEL DE VIDA DOS TRABALHADORES

No Brasil, o proletariado sofre nova ofensiva do governo e dos patrões. Em muitos casos os salários são reduzidos e em outros os aumentos conquistados com árduas lutas são neutralizados pela aplicação da maldita cláusula da assiduidade total. Aumenta a carestia, aumentam os impostos e Getúlio já ameaça os trabalhadores com o congelamento de salários.

Ao invés de pagar sua dívida de 12 bilhões de cruzeiros aos Institutos de Previdência Social, para que os segurados sejam melhor atendidos, o governo de Getúlio envia ao Parlamento um projeto de lei no qual, a pretexto da união dessas organizações, retira a cota que o governo atualmente obrigado a pagar, aumentando mais ainda as taxas pagas pelos operários.

Após ter assassinado cinco operários na cidade do Rio Grande após ter prendido, torturado e assassinado centenas de trabalhadores e patriotas em todo o país, o governo nacionaliza um novo código de castigos, a chamada Lei de Segurança, que «legaliza» o regime de violências imperante e constitui sério passo no caminho da completa fascitização do país. Ao mesmo tempo, a classe operária e o povo em geral são ameaçados com o Acórdão Militar, cuja aprovação está sendo exigida do Parlamento pelo poder executivo. A aprovação do acórdão significará novas medidas de militarização da nossa economia, novas medidas contra os direitos dos trabalhadores, uma mais desenfreada exploração do Brasil pelos capitalistas norte-americanos e, sobretudo, o envio de brasileiros para a morte certa na Coreia ou em outras partes do mundo, em holocausto aos interesses de Wall Street.

CRESCEM AS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA

Essa realidade leva a classe operária a compreender a vez mais claramente que só através de sua unidade, sua organização e de suas lutas poderá opor-se a essa política de esfomeamento e reação do governo e dos patrões.

O ano de 1952 marcou novo ascenso nas lutas da classe operária: realizaram-se cerca de 200 greves em mais de 900 empresas, atingindo um total de 440.000 trabalhadores e ultrapassando de 3.000.000 o número de dias de trabalho não realizados. A maioria dessas greves foram vitoriosas, o que estimula os operários e lhes dá confiança nesse método de luta.

Dessas lutas, a mais importante foi, sem dúvida, a batalha da população do Rio Grande do Sul, tendo à frente os ferroviários, contra a carestia da vida. Ela empolgou o país durante cerca de 30 dias, atingiu 16.000 ferroviários em 27 municípios, assumindo o caráter de greve geral de massas.

A luta dos têxteis de Pernambuco foi levada a efeito por 7 sindicatos, abrangendo 37.000 operários em 10 municípios. Terminou depois de 7 dias, com uma vitória parcial. 25.000 sapateiros e trabalhadores do couro do Distrito Federal também alcançaram uma vitória parcial depois de vários dias de luta. É preciso também lembrar a greve dos 16.000 marceneiros do Distrito Federal. E, finalmente, a greve em que estão empenhados, há quase dois meses, os têxteis desta cidade, numa pujante demonstração de unidade e firmeza na luta.

AUMENTA A UNIÃO

Através dessas lutas a classe operária aumenta a sua organização e rompe-se o isolamento dos sindicatos. Milhares de novos sócios entram para os sindicatos. Organizam-se departamentos juvenis e femininos. Inúmeros Conselhos Sindicais ou Comissões de Salários surgem nas empresas.

Durante este ano, um grande número de sindicatos se manifestou solidário com a luta de outros setores, aprovando moções de apoio moral e contribuindo financeiramente. Os têxteis do Distrito Federal já recolheram quase 2 milhões de cruzeiros, fruto da cooperação dos trabalhadores e do povo carioca. Diversas corporações reunidas em assembleias nos sindicatos aprovaram um minuto de silêncio como protesto contra o assassinato de trabalhadores pelo governo de Getúlio.

Realizaram-se também neste período diversos Congressos e Conferências Sindicais, cujas resoluções constituem armas que, bem usadas, permitirão dar um sério impulso ao movimento sindical. Entre elas, podemos destacar: o Congresso Nacional dos Bancários, com a participação de 26 sindicatos e 110 delegados; o Congresso Estadual dos Bancários Paulistas, com 200 delegados, que apoiou a tese

do monopólio estatal do petróleo e o Congresso Mundial dos Povos pela Paz; o Congresso dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul, com a participação de 121 sindicatos e 267 delegados; a Conferência Contra a Assiduidade Integral, com a participação de 80 sindicatos e 250 delegados, que ampliou a Comissão Intersindical coordenadora dessa luta; o Congresso Nacional dos Funcionários Federais, com a participação e 670 delegados de 30 organizações de 18 Estados, congresso em que foi formada a União Nacional dos Servidores Públicos Federais; o Congresso Operário e Camponês de Goiás, do qual participaram 162 delegados; a Conferência dos Trabalhadores da Paraíba, com 23 sindicatos e 50 delegados, que também apoiou a tese do monopólio estatal do petróleo; o Congresso dos Trabalhadores em Couro de Goiás, com 30 delegados; e, ultimamente, a Conferência sobre Previdência Social no Estado do Pará, na qual tomaram parte 15 sindicatos.

Todos esses Congressos e Conferências aprovaram moções pela liberdade e pela unidade sindical, pela defesa dos minérios e pelo monopólio estatal do petróleo. Por outro lado, cresce a participação da classe operária na luta pela paz. A cidade operária de São Paulo contribuiu para a Campanha por um Pacto de Paz com mais de 800.000 assinaturas; os trabalhadores da Light deram mais de 22.000; marítimos, mais de 30.000. Um grande número de empresas forneceu um número de assinaturas igual ao de seus operários. Ao mesmo tempo, aumentam os protestos dos trabalhadores contra o famigerado «Acórdão Militar», que foi repudiado em diversas assembleias sindicais no Estado do Rio.

A entrada do ano de 1953 encontrou em greve, reivindicando aumento de salários, 30.000 tecelões no Distrito Federal; 5.000 em Brusque, no Estado de Santa Catarina, e 1.000 trabalhadores do Jockey Clube de São Paulo.

Diante da ofensiva do imperialismo americano, do governo de Getúlio e dos patrões contra seus direitos e conquistas, o proletariado já escolheu o caminho da luta, da unidade e da organização das suas fileiras. Isto porque cada dia se torna mais claro que, como assinalava a Resolução do Comitê Nacional do nosso Partido de Julho de 1952.

«A garantia de sucesso nessa luta reside fundamentalmente na organização e na unidade da classe operária. A desorganização da classe operária e, conseqüentemente, a falta de unidade em suas fileiras, constitui ainda hoje em nosso país a arma principal de que se valem os imperialistas americanos e seus agentes no país para realizar a política de guerra, para aumentar a exploração dos trabalhadores e baixar cada vez mais o nível de vida das massas populares, para impor a reação e o fascismo. Só organizados e solidamente unidos poderão os operários cumprir o seu dever de classe, lutar vitoriosamente contra seus exploradores e unir em torno de si e sob sua direção a todo nosso povo e levá-lo à vitória na luta pela paz e a libertação do Brasil do jugo imperialista».

TORNAR CONHECIDO E ASSEGURAR UM FORTE APOIO DOS TRABALHADORES AO CONGRESSO DA CTAL

O IV Congresso da CTAL se realizará, portanto, em meio a lutas crescentes dos trabalhadores e das massas populares do Brasil pelas suas reivindicações econômicas, pelos seus direitos sindicais, pela independência nacional e pela causa da paz no mundo.

Os problemas que constam da sua ordem do dia interessam diretamente a todos os trabalhadores brasileiros. Lá serão discutidas questões atualíssimas para nós, como: aumento de salários e escala móvel; luta contra a carestia da vida e o desemprego; seguro contra paralisações forçadas do trabalho; estabilidade no emprego; os direitos dos assalariados agrícolas; a luta pela rebaixa dos arrendamentos; ampliação e melhoria da previdência social; proteção ao trabalho das mulheres e menores; defesa do regime democrático e das liberdades públicas; defesa da liberdade e da autonomia sindicais; a questão da independência nacional e da aplicação das resoluções do Congresso Mundial dos Povos pela Paz; as questões da organização do movimento sindical latino-americano; além de inúmeras outras questões de interesse de milhões de trabalhadores, assalariados agrícolas e camponeses.

Por isso, tudo devemos fazer para participar com uma grande representação IV Congresso da CTAL. De acordo com as normas de sua convocação, não apenas os organismos filiados à CTAL podem dele participar. Todos os Sindicatos, Federações e Confederações, todas as organizações da classe operária podem e devem escolher seus delegados fraternais ou apenas observadores ao Congresso. Mesmo aqueles dirigentes sindicais que, em virtude da falta de liberdades em seus países, não queiram apresentar-se em nome das organizações a que pertencem, podem participar do Congresso em caráter pessoal, como observadores.

O que urge agora é tornar conhecido das amplas massas o Congresso e seus objetivos. Que se reimprimam aos milhões a ordem do dia e o manifesto de convocação do Congresso. Que se ouçam e se divulguem as opiniões dos líderes sindicais sobre o Congresso. Que se trate do assunto nos jornais de empresa e de setores. A publicação de manifestos de dirigentes sindicais de apoio ao Congresso é uma maneira prática de torná-lo conhecido entre a massa. Devemos organizar debates, conferências e mesas redondas em torno dos problemas que constam da ordem do dia do Congresso. As assembleias sindicais devem discutir o assunto e escolher seus delegados ao Congresso. Que em cada estado, sindicato e empresa se organizem comissões pró participação dos trabalhadores no Congresso. Enfim, é preciso o máximo de iniciativa.

O êxito do Congresso da CTAL constituirá uma grande vitória do proletariado continental e uma ampla participação nele dos trabalhadores brasileiros nos permitirá dar novos passos no sentido da unidade e da organização da classe operária.

Saibamos erguer bem alto as gloriosas bandeiras da Confederação dos Trabalhadores da América Latina e da Federação Sindical Mundial!

10.º Aniversário da Epopéia de Stalingrado

A 2 de fevereiro os povos amantes da paz comemoram o 10.º aniversário da Batalha de Stalingrado, o maior feito épico de toda a história da humanidade. Esta batalha, vencida pela audácia e a coragem dos combatentes soviéticos, guiados pelo gênio de Stalin, salvou a civilização da barbárie nazista. A luta foi a mais cruenta de quantas a História registra...



...e, como lembram os documentos da época, as batalhas se travavam de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa...



...em toda parte se lutava. Das ruínas de sua cidade amada, os combatentes soviéticos faziam trincheiras inexpugnáveis...



...onde cenas como esta, de nazistas com os braços para o ar, eram frequentes. Ao fim da luta, Hitler sofreu uma derrota decisiva. Teve destruídos seus exercícios da frente do Don; 300 mil nazistas, inclusive todo um estado-maior tendo à frente o marechal Von Paulus, foram feitos prisioneiros



Hoje, Stalingrado é uma cidade reconstruída. Suas fábricas, repostas em funcionamento, produzem mais que antes da guerra e onde fumegavam as ruínas, hoje se erguem avenidas e ruas majestosas, como a Avenida da Paz, que se vê no clichê

A Cidade onde o invencível Exército Soviético escreveu o mais glorioso dos seus feitos, é hoje um símbolo da vontade de paz dos povos. Glória à heroica Stalingrado!

DOIS ANOS DE "REALIZAÇÕES" DE VARGAS

Para os Trabalhadores e o Povo

1 — AMEAÇA DE IR MORRER NA COREIA — O governo de Getúlio, em documento por ele mesmo escrito a 30 de junho de 1951, prometeu aos americanos enviar tropas para a Coreia «em tempo útil». Com esse fim, aumentou os efetivos militares, convocando com mil jovens para as fileiras. Foram realizadas manobras de desembarque e ocupação de terras alheias no litoral paulista. As manobras navais da Bahia foram comandadas pelo navio lanque «Oriskany».

2 — CARESTIA DA VIDA — Aumenta sem cessar o custo de vida. O açúcar passou de 4,10 para 5,30, o arroz de 6,50 para 9,70, a banana de 17,00 para 22,60, a batata de 4,30 para 8,00, a farinha de mandioca de 2,50 para 5,00 e feijão de 3,80 para 7,00. A carne chega até 35,00 conforme a qualidade. O povo é obrigado a consumir carne frigorificada em 45, conforme os interesses dos frigoríficos.

3 — VIOLÊNCIAS E ASSASSINATOS — A polícia mata impunemente. Em Barra Mansa, foi assassinado o partidário da paz Julio Cajazelas. Em Rio Grande, três operários e um estudante foram massacrados pela polícia, por lutarem contra a alta da carne. O textil grevista Altair Paula Rosa foi morto pela polícia do Distrito Federal. O cabo talheiro Clarindo foi torturado até a morte numa prisão militar. Nenhum dos assassinos foi punido. Os responsáveis são conhecidos, mas o governo lhes dá mão forte.

4 — EXPLORAÇÃO DOS FLAGELADOS — Mais de 300.000 flagelados do nordeste entram anualmente só no Estado de São Paulo. Getúlio «auxilia» as vítimas da seca, fazendo-as trabalhar pela comida. Os homens do governo fazem mercado negro com os víveres enviados. A farinha de trigo pobre, condenada no Rio e São Paulo, foi enviada ao nordeste. Policiais trazem trabalhadores nos «paus de arara» para as fábricas de Jafet, a «Nitroquímica» de Lafer e as fazendas de café.

5 — LEI DE SEGURANÇA — Getúlio assinou a nova lei

de segurança. Essa lei fascista anula o direito de greve, restabelece o atestado de ideologia, protege os crimes da polícia com imunidades, transforma a delação em lei, dá carta branca à propagação de guerra e ameaça todas as organizações patrióticas.

6 — PRISÕES E PERSEGUIÇÕES DE PATRIOTAS — Nestes dois anos de governo de Getúlio mais de 10.000 pessoas foram detidas. Só no Distrito Federal foram requeridos mais de 1.000 habeas-corpus. O número de habeas-corpus no país inteiro foi superior a 10.000. Mais de 8.000 pessoas foram processadas ou indiciadas judicialmente. Destas, 5.000 pessoas ainda estão sujeitas a condenação. Getúlio apelou para o recurso dos processos militares. Mais de 400 pessoas, militares e civis foram presas, torturadas e processadas. Prossegue o infame processo contra Prestes e seus companheiros.

7 — MORTALIDADE INFANTIL — Eis alguns índices aproximados da mortalidade de crianças de menos de um ano de idade: Natal, morrem 400 em cada mil, Macaré, morrem 360 por mil, Recife, 320 por mil, Fortaleza, 290 por mil, São Paulo, 110 por mil, Rio, 150 por mil, Porto Alegre, 180 por mil, Salvador, 260 por mil. Essa mortalidade terrível confessada oficialmente não retrata toda a verdade segundo a opinião de vários especialistas.

8 — DESEMPREGO E FOME — Mais de mil e quinhentos portuários santistas já foram lançados ao desemprego. O raciocínio da Light ameaça com o desemprego a mais de 20.000 têxteis somente em São Paulo. 400.000 nordestinos foram jogados ao mais completo desemprego com a suspensão das atividades do C.A.N., o mesmo acontecendo aos operários das estradas de rodagem e de ferro da Bahia, cujas obras foram interrompidas.



Getúlio recebe as ordens sorridente, como anunciou o próprio Truman, veio exigir as para a Coreia

Para os Patões Americanos

1 — MINA DE OURO PARA OS AMERICANOS — Em 1950, os magnatas ianques mandaram para os Estados Unidos 873 milhões de cruzeiros. Já no primeiro ano do governo de Getúlio essa quantia elevou-se a um bilhão e 340 milhões. Somas maiores esperam divisas para seguir o mesmo destino. Somente os fretes para as companhias ianques de navegação despendeu o país três bilhões e 500 milhões em 1951 e 4 bilhões em 1952. Total de fretes e lucros em dois anos: 10 bilhões de cruzeiros para os americanos. Isto é apenas uma parte da sangria.

2 — FERRO PARA A MÁQUINA DE GUERRA IANQUE — Em 1950 foram exportadas 890.000 toneladas de ferro para os Estados Unidos. Com Getúlio, só a Cia. Vale do Rio Doce exportou um milhão e 200 mil toneladas em 1951, subindo para 1 milhão 520 mil toneladas em 1952. Acaba de ser concedido um empréstimo de 65 milhões e 500 mil dólares à ICOMI, subsidiária da Bethlehem Steel, para a exploração do Amazonas. Vão-se os minérios e ficam os lucros.

3 — ENTREGUISMO — O Plan Lafer custeia o equipamento de estradas, portos e canais para exportar os minérios para os Estados Unidos. São dez bilhões tomados a título de empréstimo por cinco anos de contribuintes do imposto de renda. Só de juros desse empréstimo o povo pagará 500 milhões por ano. A usina hidrelétrica do S. Francisco será explorada pela Bond and Share e Reynolds Co. Getúlio anunciou em seu discurso de fim de ano a intensificação da exportação de minérios atômicos. Reclama a aprovação da ONU.

4 — ACÓRDO MILITAR — O governo de Getúlio assinou o acordo militar com o governo dos Estados Unidos. A luta do povo é que impeça até agora sua ratificação. O acordo determina o envio de soldados brasileiros para a Coreia, estabelece a entrega total das riquezas naturais do Brasil aos americanos, diz que o comércio brasileiro será controlado por um «administrador» americano que fará uma lista negra das firmas que não obedecerem as suas determinações. O cumprimento do acordo, assim está escrito, é para ser fiscalizado pelos americanos mas seus vencimentos têm que ser pagos pelo governo brasileiro.

5 — DITADURA DA COMISSÃO MISTA — A Comissão Mista Brasil-Estados Unidos é quem diz o que se deve e o que não se deve fazer. Quando um projeto chega à Câmara dos Deputados e Capanema é avisado que «a Comissão Mista aprovou» isto quer dizer que é para ser aprovado. A Comissão Mista impediu o reaparelhamento da Marinha Mercante para que Mac Cormick nos sugue 4 bilhões por ano. Impede a melhoria dos trens

do subúrbio da Central, mas exige melhoria para o transporte de minérios. Não há elétricos para os bairros. Mas só para Lafaete serão construídos em 1953 onze ramais para o transporte de minério.

6 — DISCO AMERICANO NA ONU — Os representantes de Getúlio na ONU votam como os americanos mandam. Apoiam a agressão à Coreia, votam contra a proibição da bomba atômica, pela declaração da China como «agressora», contra a queixa dos egípcios contra os imperialistas ingleses e assim por diante.

Para os Tubarões E Grandes Fazendeiros

1 — LUCROS FABULOSOS — A Light fez lucros de 500 milhões em 51 e marcha para o bilhão de lucros em 52. Outros tubarões obtiveram esses lucros em 51: Matarazzo, 475 milhões sobre um capital de 750 milhões, Nova América, lucro de 64 milhões sobre capital de 80 milhões, Ford (montagem S. Paulo) 285 milhões sobre capital de 100 milhões, brama 145 milhões sobre capital de 360 milhões, Bangü, 90 milhões sobre um capital de 162 milhões, Gillete, lucro de 34 milhões sobre capital de menos de 8 milhões e assim por diante.

2 — APOIO AOS PATRÕES CONTRA OS OPERÁRIOS — Exemplo é a greve dos têxteis cariocas. A Justiça do Trabalho teve sua decisão odiosa mantida pelo governo e sua política. O Banco de Brasil emprestou dinheiro aos industriais para que pudessem resistir. A «solução» para a greve, retorno ao trabalho sem aumento, é de autoria de Getúlio, cuja polícia impede o acesso às fábricas, para que os operários sejam despidos «por não comparecimento ao serviço».

3 — NEGOCIATAS — Depois do escândalo do Banco do Brasil veio a negociata do algodão. Com a compra do algodão, Getúlio deu um lucro de 135 milhões de cruzeiros à Anderson Clayton e Sombra. Lucraram os intermediários, companhias de seguros e armazenadoras. O «esquema Lafer» para a venda desse algodão dá às firmas exportadoras um

novo lucro de 150 a 200 milhões. E os plantadores ficaram arruinados.

4 — FABRICA DE DINHEIRO PARA OS RICOS — Em 31 de janeiro de 1951, quando Getúlio tomou posse, o papel moeda em circulação já se elevava à soma formidável de 31 bilhões de cruzeiros. A 31 de dezembro de 1952, essa quantia já tinha subido para 39 bilhões e 300 milhões. Portanto Getúlio emitiu nada menos que 8 bilhões e 100 milhões em dois anos, o que dá uma média de 33 milhões e 750 mil cruzeiros POR SEMANA. Entretanto, o povo está cada vez mais pobre e o país endividado. Para onde foi esse dinheiro todo? A Fábrica de dinheiro de Getúlio produziu para as burras dos ricos. Essa inflação contribuiu, por outro lado, para aumentar continuamente a carestia da vida.

5 — DIVISAS PARA FARRAS E BEBIDAS — Na farras imoral de Cotoville, no castelo do costureiro Fath, em Paris, foram consumidos mais de 4.000 contos. Getúlio deu as divisas pedidas por Chatá. Faltam divisas para comprar máquinas e até medicamentos. Mas não faltam para comprar o Whiskey que os ricos tomam em suas bebedeiras. Em 1950, foram consumidas divisas no valor de 24 milhões e 737 mil cruzeiros em Whiskey. Em 51, esta soma elevou-se para 56 milhões e só nos primeiros seis meses de 52 já passava de 24 milhões. Importação de automóveis (cadilacs, etc.); 1950 338 milhões; 1951, um bilhão e 400 milhões, 1952 (seis meses) — 827 milhões. É por isso que os tubarões querem Getúlio.



Por ocasião da greve geral em Rio Grande, o herói popular Antônio Recchia, preso a uma cadeira de rodas, em consequência dos tiros recebidos da polícia na memorável manifestação de 1.º de Maio de 1949, fala ao povo. A faixa sobre a tribuna improvisada diz tudo: Só um governo democrático-popular resolve os problemas do povo.

POR UM NOVO REGIME POR UM GOVERNO DO POVO

“O POVO BRASILEIRO NÃO SE DEIXA ENGANAR PELAS MANOBRAS DOS INCENDIÁRIOS DE GUERRA E DE SEUS LACAIO DO GOVERNO VARGAS. LUTA COM VIGOR CRESCENTE PELA PAZ, PELA DEMOCRACIA E PELA INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA, CONTRA O GOVERNO DE GUERRA E FOME DOS LATIFUNDIÁRIOS E GRANDES CAPITALISTAS. POR UM GOVERNO EFETIVAMENTE DEMOCRÁTICO E POPULAR. POR UM GOVERNO DE PAZ E INDEPENDÊNCIA NACIONAL.”

★ LUIZ CARLOS PRESTES ★



Cole esta página na parede

Armas lanques, Generais Franceses

OS IMPERIALISTA FRANCESES JA PERDERAM CERCA DE 200.000 HOMENS NA "GUERRA SUJA" — MORREM MAIS OFICIAIS FRANCESES NO VIET NAM DO QUE OS QUE SÃO FORMADOS PELA ACADEMIA MILITAR DE SAINT CYR — OS AMERICANOS DESTINAM MAIS 30 MILHÕES E 500 MIL DÓLARES PARA FINANCIAR A AGRESSÃO AO POVO VIETNAMITA — CONFISSÃO AMARGA: "FOI COMO SE TIVESSEMOS NOS METIDOS NA GOELA DO LEÃO".

Durante cerca de um século a França dominou e explorou o quanto pôde os povos da Indo-China. Os senhores latifundiários do país associaram-se aos opressores, mas cedo os patriotas começaram a lutar contra a dominação estrangeira. Esta luta ganha corpo e direção com a fundação do Partido Comunista, em 1930, ano em que um levante é afogado em sangue. Segue-se um longo período de lutas e combates em que o jovem proletariado vietnamita adquire experiência, forja seus combatentes e educa o povo no espírito da luta contra a opressão.

Em 1940, os franceses entregam a Indo-China aos japoneses, sem luta, recusando inclusive a mão estendida dos patriotas, empenhados em derrotar o inimigo principal: o fascismo.

empenhados em derrotar o inimigo principal o fascismo.

Os patriotas, chefiados por Ho Chi Minh, lutam sozinhos e, em 1945, libertam o país. Em setembro de 1945 é fundada a República Democrática do Viet-Nam. Dirige o povo uma organização agrupando todos os partidos e entidades democráticas — o Viet Minh. Um novo governo surge das eleições realizadas em janeiro de 1946, as únicas eleições democráticas que o povo conheceu em toda a sua história e da qual participaram quase todos os elet-

tores. O povo festeja a vitória e seu Presidente da República: Ho Chi Minh.

Os imperialistas franceses, porém, não desistem de lutar a presa, mas — como hienas — não atacam de frente. Fingem aceitar um acordo e, enquanto Ho Chi Minh discute na França os termos da paz, atacam à traição, iniciando a guerra imunda, como a chama o povo, francês. Para o povo também se iniciava uma nova guerra, a guerra decisiva e sem quartel pela libertação do país.



Ei-los batendo em retirada, soldados franceses e vietnamitas mercenários ou recrutados à força para lutar contra seus próprios compatriotas. As armas são americanas.

ONDE OS GENERAIS ENCONTRAM A DESONRA E A MORTE

Os colonialistas franceses já perderam cerca de 200.000 homens no Viet-Nam, entre mortos, feridos ou aprisionados. Morrem mais oficiais franceses anualmente na Indochina do que os que se formam cada ano na Academia Militar de Saint-Cyr. O corpo expedicionário francês é composto de mais de duzentos mil soldados, segundo estatísticas do governo francês, sem contar com os 100.000 vietnamitas «leais» recrutados à força, dos quais 30 ou 40% já foram mortos ou se passaram para a República.

A «guerra suja» está sendo um verdadeiro sorvedouro de material de guerra americano, fornecido aos franceses em virtude do acordo franco-americano assinado em agosto de 1950. Até fins de 1951, os agressores já haviam perdido cerca de 3.000 tanques e carros blindados, quase duas centenas de navios e embarcações menores, 6.000 metralhadoras, 7.000 obus e outros apetrechos em quantidade. Essas perdas elevam-se ainda mais com as últimas vitórias do ano pas-

do. Somente em 1952 essas perdas custaram à França meio bilhão de francos.

Não obstante a esmagadora superioridade em armamentos, generais franceses e americanos vão encontrar no vale do Rio Vermelho a derrota e a morte. O general De Tassigny, há pouco mais de um ano, tomou espetacularmente a cidade de Hoa Binh, ponto estratégico de primeira ordem. Sua glória durou pouco, porém. Depois, os imperialistas teriam de confessar com amargor que a nossa entrada em Hoa Binh foi como se nos tivéssemos metido na goela do leão. Os franceses foram triturados. De Tassigny perdeu o filho e morreu sob a desonra e a derrota. Outras vitórias se seguiram: Os patriotas estão hoje a cerca de 100 Kms. da capital — Hanoi.

PÂNICO E DESESPERO DOS IMPERIALISTAS

O comando francês alardeia seu desespero e muitos generais chegam a descre-

publicamente da utilidade de qualquer esforço, que não seja apenas para salvar as aparências. Elementos da burguesia francesa já se dispõem mesmo a atender aos reclamos dia a dia mais vigorosos da opinião pública, exigindo o fim da «guerra suja». Outros, como o municipalista Daladier, mostram-se alarmados ante as «graves consequências» da guerra, que ameaça afundar a própria França na bancarrota financeira.

Mas, a essa altura, falta aos governantes poderes para decidir. A «guerra suja» é hoje parte do plano imundo e criminoso de dominação mundial dos imperialistas americanos, que fornecem os armamentos e exigem resultados, mesmo ao preço de centenas de milhares de vidas. Daí o desespero dos ministros, como o sr. Schuman, que, patético e ridículo, acenam para seus «parceiros» com as dificuldades, pedindo ajuda. E mais 80 milhões e meio de dólares foram destinados à aquisição de armamentos para o corpo expedicionário francês, a fim de que possa prosseguir a criminoso guerra de agressão aos povos da Indo-China. Anteriormente, existia o Partido Comunista da Indo-China, de gloriosas tradições. Para fazer frente à invasão japonesa, por iniciativa dos

comunistas, fundou-se, em princípios de 1941, uma ampla organização denominada «Viet-Nam Dok-Lap-Dong-Minh», mais conhecida pela abreviatura «Viet-Minh» e cujo nome por extenso significava Liga Democrática de Luta pela Independência do Viet-Nam. Em fins de 1946 o Viet-Minh transformou-se num partido político e o P. C. desapareceu. Em fevereiro de 1951, entretanto, reapareceu como organização independente o partido de vanguarda da classe operária — o Partido Lao Deng cujo secretário-geral é o camarada Trung Chin. E o Viet-Minh, depois de uma reunião realizada em março do mesmo ano, retomou seu caráter de frente única, que se ampliou ainda mais com a junção do Viet-Minh com outra organização, o Lien-Viet. A nova organização tomou o nome desta última.

Uma longa história de lutas e experiências levou a esta sólida frente única, que já hoje não abrange apenas o povo do Viet-Nam. Em março de 1951, foi criado o Comitê de Ação Viet-Man-Lao, que unifica e dirige a luta de libertação dos povos do Viet-Nam, do Laos e do Camboje. Um quarto do Laos e um terço da superfície do Camboje já foram libertados.

O SEGREDO DA VITÓRIA

Como se tornaram possíveis tais vitórias? Que força imensa é esta, que transforma patriotas desarmados em guerrilheiros e os guerrilheiros num exército regular, hoje em contra-ofensiva geral? É a força do povo unido e organizado, decidido a lutar até o fim pela libertação nacional. Sim, o povo tem por que lutar e sabe que tem tudo a ganhar. As massas estão unidas em torno do Lien-Viet (Frente Única Nacional do Viet-Nam), que agrupa todos os partidos e organizações nacionais. A vanguarda dessa frente única é o Partido Lao-Dong (Partido dos Trabalhadores) No Comitê Nacional do Lien-Viet estão representadas todas as tendências e classes. Tudo em vão, porém... todas as camadas sociais. Católicos fazem parte do governo. Todos aceitam a direção experimentada dos comunistas e todos reconhecem, como seu chefe supremo, Ho Chi Minh — Presidente da República.



NOS SA CAPA

UM combatente do Viet-Nam mata a sede de um prisioneiro de guerra francês ferido em combate. Desfazendo as calúnias imperialistas sobre o tratamento dado aos prisioneiros de guerra franceses, um grupo destes últimos, oficiais e soldados, declarou pela rádio de Viet-Nam: «Estamos prisioneiros, mas, no invés das feroces represálias que nos eram descritas, somos bem tratados e curados. Aqui estão jovens e corajosos soldados que combatem por um ideal».

"A IGNORÂNCIA É UM CRIME CONTRA A NAÇÃO"

Não se limitam à luta contra o invasor os patriotas vietnamitas. No fogo da luta, estão construindo uma nova pátria, de abundância e progresso, o que os leva a combater com redobrado vigor. Em sete anos de poder popular o país andou 100 vezes mais do que em 1 século de dominação francesa. Os analfabetos, que em 1941, constituem 90% da população, ficaram reduzidos a 15%, e em breve desaparecerá o analfabetismo. O número de escolas foi multiplicado por oito. Criou-se uma universidade. Um novo e salutar movimento cultural empolga o país. Para se ter idéia desse êxito, basta atentar para o ritmo do movimento contra o analfabetismo: Em 1946, foram alfabetizados 815.000 pessoas; em 1947, 2.500.000 e, em 1948, 7.500.000. E com esse mesmo espírito que estão sendo enfrentadas as demais tarefas culturais. O «Velho Pai» deu a palavra de ordem: «A ignorância é um crime contra a nação» e o povo se instrui rapidamente.



A jovem que se vê ao lado é Nguyen Thi Chien, de 22 anos, heroína do Exército de Libertação Nacional do Viet-Nam. Nguyen não tinha mais de 20 anos quando sua localidade foi ocupada pelas tropas francesas. Ela foi presa e submetida a cruéis torturas para revelar informações sobre a luta de libertação do seu povo. Durante três meses esteve na prisão, e se portou dignamente. Numa certa manhã foi libertada e já à tarde voltava a ocupar seu posto de luta.

Imediatamente, reorganizou os grupos patrióticos, formou várias guerrilhas, cujas ações heróicas passaram a constituir um pesadelo para os franceses. Do Congresso dos Povos da Ásia pela Paz, de que participou, Nguyen enviou às mulheres brasileiras a seguinte mensagem (de que damos um fac-símile abaixo): «As amigas brasileiras, pela vitória da luta pela independência nacional e pela paz mundial. Nguyen Thi Chien, heroína do Exército Popular do Vietnam. Pequim, 14-10-1953».

aux amies brésiliennes,
pour la victoire de la
lutte pour l'indépendance
nationale et pour la
paix mondiale.

Nguyen Thi Chien
Héroïne de l'Armée populaire
du Viet Nam.

Nguyen Thi Chien

Pequim 14/10/53.

Chien



Peça de artilharia tomada ao inimigo pelos vietnamitas. Foi fabricada nos Estados Unidos.

curar ao povo austriaco, com o término da ocupação, os direitos democráticos e a independência de seu país.

A Comissão depois de estudar a resolução sobre a questão japonesa adotada em Pequim no dia 12 de outubro de 1952, pela Conferência de Paz dos Países da Ásia e do Pacífico, aprova e reconhece plenamente como sua. Os principais dispositivos dessa Resolução se apresentam da seguinte maneira:

1. Em face da tensão existente nas regiões da Ásia e do Pacífico, provocada pela conclusão ilegal do tratado em separado firmado em São Francisco com o Japão, todos os países interessados devem firmar com ele um tratado de paz de caráter geral, de conformidade com os princípios e o espírito da Declaração de Potsdam e dos outros acordos internacionais relacionados com a questão japonesa.

2. É indispensável se opor à remilitarização do Japão, pôr fim à mesma e dar maior apoio ao povo japonês em seus esforços para construir um Japão novo, independente, democrático, livre e pacífico.

3. Todas as tropas estrangeiras devem ser imediatamente retiradas do território japonês. Nenhuma potência estrangeira pode ser autorizada a não conservar bases militares. Nenhuma potência estrangeira pode ser autorizada a se imiscuir nos assuntos do Japão.

4. Devem ser afastadas as restrições impostas por qualquer governo estrangeiro ao comércio exterior do Japão, assim como a edificação pacífica da economia japonesa. Deve assegurar-se ao Japão a liberdade de manter relações comerciais normais com todos os países interessados à base da igualdade e das vantagens mútuas, a fim de que, assim, melhorem as condições de vida do povo japonês, que dia a dia se agravam.

Esse povo é hoje cada vez mais elevado, contra sua vontade, a preparativos militares acelerados tendo em vista principalmente o emprego de seus soldados na frente coreana, o que traz como consequência golpes cada dia mais graves à sua independência nacional e o risco da guerra generalizada.

Ao mesmo tempo, porém, a Conferência de Pequim deu um impulso considerável à ação pela Paz nessa parte do mundo.

No que concerne aos países capitalistas, semi-

coloniais e dependentes, a Comissão constatou os seguintes pontos de acordo:

1. A política de preparação para a guerra, que ameaça levar os países coloniais e dependentes a um conflito generalizado, já teve como consequência o aumento da opressão colonial e da intervenção es-

trangeira, o que constituiu a negação do direito dos povos à sua independência e à sua segurança.

2. Essa política já se traduziu pelas guerras impostas aos povos da Coreia, do Viet-Nam, Kmer, Laos, Malásia, e ao recurso à força e à repressão sangrenta para sufocar as legítimas

aspirações nacionais à independência, como na Tunísia, em Marrocos, em Kenia, etc. A Comissão não pode deixar de condenar com veemência tais ações, como contrárias aos princípios de independência nacional e aos interesses da paz.

3. Essa política se traduz igualmente por uma

pressão exercida sobre inúmeros países, com o fim de lhes impor tratados e pactos coletivos ou bilaterais, que incluem a ocupação estrangeira e a instalação de bases militares em seus territórios e de apossar-se de suas riquezas nacionais, pelo aviltamento de sua cultura nacional, pela supressão das liberdades demo-

cráticas, pelas discriminações raciais.

A Comissão reafirma solenemente o princípio do direito de todos os povos dispor livremente de sua sorte, sem qualquer interferência estrangeira.

(Adotado unanimemente, menos duas abstenções). Viena, 19 de dezembro de 1952.

RECOMENDAÇÕES A DOTADAS PELA COMISSÃO DO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ ENCARREGADA DE EXAMINAR OS PROBLEMAS RELACIONADOS COM O ALÍVIO DA TENSÃO INTERNACIONAL

Os povos têm os meios de pôr termo à guerra-guerra-fria e impor o alívio da tensão internacional, ao que todos, homens e mulheres, aspiram com todas as suas forças.

Juntos, os povos podem e devem conseguir que o mundo se encaminhe pela senda feliz da Paz: unindo-se para derubar as barreiras que impedem os intercâmbios internacionais; suscitando, por seus esforços, uma corrente de compreensão e de boa-vontade, empenhando-se resolutamente na luta que deve impor a cessação da tão perigosa corrida armamentista.

PELO DESARMENTAMENTO

Os povos consideram com a maior das angústias a atual corrida armamentista, que pesa de modo insuportável sobre as diferentes economias nacionais, que exige sacrifícios cada vez maiores para centenas de milhões de homens de todos os países e que leva, em numerosos Estados, ao aumento de tempo do serviço militar.

A corrida armamentista, que é uma consequência da tensão internacional, não somente não diminui essa tensão, mas se torna, ao contrário, motivo de novos temores e desconfianças, criando-se, assim, novos perigos de guerra.

Os delegados dos povos do mundo inteiro, reunidos em Viena, consideram que numa tal situação a ação tendo em vista o desarmamento adquire uma importância decisiva para salvar a Paz. Esta ação, apoiada por todos aqueles que vislumbram o abismo para o qual o rearmamento desenfreado está arrastando os povos, força em primeiro lugar os governos das Cinco Grandes

Potências, e depois as demais, a firmarem uma série de tratados com os seguintes objetivos:

a) Redução imediata e substancial dos armamentos de toda espécie. Essa redução deveria ser proporcional e simultânea. Executada desde já em escala tão ampla quanto possível, embora respeitando às exigências reais de segurança nacional; ela permitirá a redução do tempo do serviço militar, e abrirá perspectivas reais para um futuro desarmamento total.

b) Interdição incondicional das armas de destruição em massa e sobretudo das armas atômicas, químicas e biológicas. A execução dessas medidas será objeto de rigoroso controle internacional. A guerra biológica é abertamente preparada e mencionada nos acordos militares concluídos entre certas potências. Comissões internacionais qualificadas, constituiriam que armas biológicas foram empregadas na Coreia e na China. Pedimos que o Protocolo de Genebra de 17 de junho de 1925 seja ratificado por todos os países. Pedimos igualmente o respeito às outras Convenções Internacionais sobre os direitos dos prisioneiros de guerra e a garantia de vida e dos bens das populações civis.

Além dessas medidas deve obter-se a interdição efetiva de toda propaganda, que pelos apelos diretos à guerra, pelas falsas notícias, pela incitação ao ódio racial e pela criação de um espírito militarista na mocidade, suscita o aumento e a desconfiança entre

os povos e provoca uma psicose de guerra.

A corrida armamentista torna cada vez mais claro para milhões de homens, o perigo da situação internacional atual. O potencial de resistência daqueles que querem o desarmamento cresce dia a dia.

Os delegados que vieram à Viena saberão transformar esse potencial em uma força capaz de mudar o curso dos acontecimentos.



Metropolita Nikolai, da Igreja Ortodoxa de Moscou, também presente ao Congresso

PELO INTERCÂMBIO ECONÔMICO

Os problemas econômicos encarados no interesse da paz estão ligados a todos os atos que visam, de um lado, pôr um freio à corrida armamentista, e, de outro, levar ao desarmamento progressivo e simultâneo.

No grande esforço que desenvolvemos para levar todos os povos a se unirem na defesa da paz e para reencontrarem a prosperidade, o reinício dos intercâmbios comerciais entre todos os países, à base da igualdade e da garantia de reciprocidade, é indispensável.

Os países economicamente subdesenvolvidos deveriam integrar-se no comércio mundial, e procurar sem obstáculo ob-

ter em troca de suas matérias primas, o equipamento industrial necessário ao desenvolvimento de sua economia nacional. É de toda conveniência suprimir todos os impedimentos criados pelas economias de guerra. É, do mesmo modo, conveniente impedir que o investimento de capitais estrangeiros possa ameaçar a independência nacional de qualquer país.

O livre intercâmbio de matérias-primas, respeitando-se o direito à inde-



Mme. Zenab el Gazali, do Egito, que participou ativamente do conclave de Viena

pendência nacional, torna-se igualmente uma das condições essenciais de equilíbrio econômico mundial.

O reinício do intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente seria uma primeira e feliz contribuição para o estabelecimento e desenvolvimento normal das relações comerciais e econômicas entre os diversos países. Isso contribuiria de maneira eficaz para a melhoria do nível de vida e do poder aquisitivo dos povos, o que atenuaria o desemprego nos países já atingidos ou ameaçados por ele.

Levando-se em conta as considerações expostas e as recomendações sugeridas, torna-se possível estabelecer uma econo-

mia de paz baseada na coexistência pacífica dos povos.

PELA DEFESA DA CULTURA

Profundamente afetados pelas consequências da guerra-fria sobre a cultura, dirigimo-nos aos homens de ciência, aos escritores, aos artistas, aos professores, a todos os intelectuais e a todos os povos, para que juntos defendam seu patrimônio comum.

Esse apelo é dirigido particularmente:

a) a todos os homens de cultura, para que se oponham à utilização da imprensa, do rádio e do cinema, para a propaganda de guerra.

b) aos educadores, aos pais, a todos os homens e mulheres que têm a seu cargo a educação das crianças, para que se oponham ao incitamento ao crime, ao ódio, à discriminação racial, e à excitação guerreira, por meio de livros, jornais, filmes e rádio.

c) aos músicos, aos pintores, aos escultores, aos artistas, em geral, para que suas obras sejam uma exaltação da paz e das alegrias da vida.

Ao nos dirigirmos aos intelectuais, aos artistas e entidades operárias, preconizamos os contactos, as exposições, os festivais e os encontros de caráter internacional.

Desejamos que os grandes vultos da humanidade sejam celebrados e comemorados em todos os países do mundo.

Tencionamos quebrar todos os obstáculos que se opõem ao desenvolvimento normal dos laços culturais entre todas as nações. Para a compreensão internacional, a humanidade toda deve beneficiar-se dos resultados. (Conclui na pag. seguinte)

MENSAGEM AOS RELIGIOSOS DE TODO O MUNDO

Pela Cessação de Fôgo na Coréia

NÓS, abaixo-assinados, membros do Clero, pastores e personalidades religiosas, estamos profundamente emocionados com o prosseguimento das hostilidades na Coréia. As vésperas do Natal, festa da paz, nos parece intolerável que os massacres incessantes da Coréia continuem, enquanto as conversações para o armistício são proteladas, e o prosseguimento das hostilidades não podem senão prejudicar essas conversações e tornar seu êxito mais difícil.

Poderíamos nós avaliar mais profundamente o horror que martiriza atualmente a Coréia, graças ao apêlo comovedor enviado aos Cristãos do Ocidente por uma Conferência de Cristãos reunida em Pyongyang.



S. Eminência Haya Tullah Kamarey, religioso maomstano do Irã

ong Yang. Se a unidade cristã tem verdadeiramente sentido, não podemos ficar surdos ao apêlo de nossos irmãos da Coréia, que, do abismo das trevas atozes da guerra, do fundo de suas cidades e aldeias, atiradas pelas bombas, do coração do incêndio provocado pelo napalm, nos conceitam a pôr em prática nossa velha máxima cristã, essas palavras que iremos repetir pelo Natal: «Paz sobre a terra».

É por isso que unimos nossa voz às suas, e convidamos os nossos irmãos cristãos da Grã-Bretanha e de todo o mundo a fazer do Natal uma realidade: Pecamos insistentemente ao nosso governo para empregar todos os esforços a fim de obter a cessação de fogo na Coréia, com a firme esperança de que, uma vez detido o massacre que lá se perpetua, as conversações de armistício terão oportunidades de êxito.

Independentemente do Natal, e por outros motivos, nós os representantes das outras religiões, juntamos também nossa voz a este apêlo.

aa) Metropolitano Nicolai Krut'sky, da Igreja Ortodoxa Russa; Akhund-Agha-An-Zade-Sheikh, Um do Islã da Transcaucásia; John Maté, vigário geral de Vespem (Hungria); J. T. Andreas Babossy, vigário de Budapest; Pastor Erwin Kock (Austria); Frei Salveter Wang (católico da China); Dr. L. Neto, bispo da Igreja Luterana da Hungria; L. Hockendijk, pastor-operário da Holanda; A. A. Bowyer, da Igreja Presbiteriana da Escócia; Alan Ecolestone, bispo da Santa Trindade, Darnal, Sheffield (Inglaterra);



O pastor protestante Kock, quando saudava os delegados ao Congresso dos Povos

Antoni Jampart, padre católico (Polonia); Talmadge Stuton, padre, EE. UU.; James Endicott, bispo da Igreja Metodista (Canadá); dr. W. Bryn Thomas, vigário de Santa Trindade, Balham, de Londres, John H. Telfer, pastor (EE. UU.) Alphonse Masquelar, da Missão Católica (Bélgica); M. Houard, da missão católica (Bélgica); Rafael Terranova, católico, Membro do Parlamento italiano; Catherine Williamson, Quaker de Canterbury (Inglaterra); Gilberto Sandreac (Cuba); Brynmor Willias, vigário de Liansmlet; Rabino Abraham Bick, rabino de New York; Bispo A. Bereczky, da Igreja Reformista de Budapest; Prof. J. L. Hromadka (Prete) Tchecoslovaquia); Metropolitano Kiril Plovdiv (da Igreja Ortodoxa Bulgara); Stanley Evans, padre (Inglaterra); Kenneth Rawlings, Reitor da Igreja de São Miguel, em Sussex (Inglaterra); Alexander Horax padre católico (Tchecoslovaquia); Harry Holtti pastor (Finlândia); John W. Darr, Pastor da Igreja Congregacional (Estados Unidos.); E. A. Ionesou, deão da Igreja Ortodoxa (Rumania); C. F. Harman, vigário de Bristol; Wang Teu Chung, pastor da Missão Americana (China); Wu Yso Chung (China) Shih Lu Chang (China); Zenab Algazli Algebeli, Presidente da Associação Geral das Mulheres Maometanas do Egito; Said Ali Akbar (Irã); Petrus Vu Xuan Ky, missionário católico (Viet-Nam); Phan The Long, budista (Viet-Nam); Alan S. Brand, pastor da Igreja Metodista (Australia).

Resoluções dos 103 Escritores Presentes ao Congresso dos Povos

Na sessão noturna do Congresso dos Povos de 17 de Dezembro, Pablo Neruda subiu à tribuna e leu a seguinte resolução:

«Nós, escritores da Albânia, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Birmânia, Bolívia, Brasil, Bulgária, Chik, China, Colômbia, Coreia, Cuba, Egito, Equador, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Haiti, Índia, Irãque, Israel, Itália, Jamaica, México, Mongólia, Filipinas, Polónia, România, S. Domingos, Suécia, Suíça, Tailândia, URSS, Uruguai, Venezuela, reunidos em Viena para o Congresso dos Povos pela Paz.

DECLARAMOS:

Nós, que cremos no poder da palavra escrita, e cuja profissão é a de testemunhar para nós mesmos e para outros que nos cercam, decidimos por nossas

ESTAMOS DE ACÔRDO EM MOSTRAR, EM NOSSAS OBRAS, O CAMINHO DA PAZ E EM AFIRMAR NOSSA CONFIANÇA NO HOMEM

obras de acôrdo com a nossa vontade de paz e combater a guerra com os nossos trabalhos. Como e em que medida, cada um decidirá por si. Mas, acima das divergências religiosas, filosóficas, políticas e literárias, estamos de acôrdo em denunciar, em todos os seus disfarces e até na literatura, a guerra que se prepara, em testemunhar, em nome de todos aqueles que a sofrem, em mos-

trar o caminho da paz e afirmar nossa confiança no homem.

Esperamos, de todo o coração que esta resolução encontrará eco entre outros escritores, no mundo inteiro.

Pelos 103 escritores presentes ao Congresso: Anna Seghers, Pablo Neruda, Jean-Paul Sartre, Louis Aragon, Elsa Triolet, Jorge Zalamea, Constatin Fedine, Mulk Raj Anand, Jorge Amado, Mao Dun, Iaros-



Os escritores Aragon, Ehrenburg, Neruda e outros conversam à mesa

law Iwaskiewicz, Artur Lundkvist.

GRUPOS DE INICIATIVAS

Após a leitura desta resolução, Henri-Pichette (França), em nome dos escritores, apresentou as seguintes propostas:

«PROPOMOS:

1º) criar grupos de iniciativa nacionais visando um encontro internacional de escritores;

2º) ter em vista a realização de viagens de escritores que possam suscitar obras que contribuam para a manutenção da paz;

3º) facilitar os encontros entre escritores, que possam ajudar à compreensão entre as nações;

4º) colaborar, na medida de nossas possibilidades, para o intercâmbio entre os países e a difusão de textos que sirvam à causa da paz, e em particular para a sua publicação nos órgãos literários de diversos países.

Recomendações Adotadas...

(CONCLUSÃO DA PAGINA ANTERIOR)

dos das pesquisas, dos frutos da ciência e das criações artísticas de cada povo.

Com o espírito de igualdade e reciprocidade, e o respeito a todas as culturas nacionais, os intercâmbios intelectuais e artísticos devem contribuir para a salvaguarda e a consolidação da paz.

Aspiramos ver nossas universidades, nossas bibliotecas, nossos centros de pesquisa proceder a trocas de seus trabalhos e se comunicarem o resultado de seus estudos.

Queremos ver circular pelo mundo as obras de arte clássica e moderna (literatura, música, pintura, cinema, teatro, arquitetura, escultura, artes gráficas). Cada povo deverá fazer-se representar junto aos outros povos pelos seus melhores homens da ciência, das letras e das artes, seus professores, seus desportistas, seus operários e seus camponeses, dedicados à causa da paz.

Convidamos os sábios, e sobretudo os economistas, juristas, psicólogos,

a elaborar os princípios e as regras sobre as quais devem basear-se a compreensão, a colaboração e a justiça internacionais.

Lançamos um apêlo aos cientistas e aos povos no sentido de que defendam a livre circulação das idéias e dos resultados da pesquisa, para que participem da mais ampla cooperação científica internacional, sem a qual a ciência perderia seu caráter universal.

Dirigimo-nos a todos os cientistas que trabalham no aperfeiçoamento e no desenvolvimento dos instrumentos de destruição e de morte. Conceitamos-os a que se unam aos cientistas que, no mundo, para honra da ciência, tomaram a si a resolução de colocá-la a serviço da humanidade.

Para salvar a civilização e a cultura, sua mais alta expressão, sabemos impor a Paz.

(Adotado por unanimidade).

Viena, 19 de dezembro de 1952.

Derrotados Pelo Povo do Vietnam



O Exército Popular do Vietnam em marcha. Depois de tomar a fortaleza de Sonla, os combatentes vietnamitas ficaram a cerca de 100 quilômetros apenas de Hanoi, capital do Vietnam

DONOS DA TERRA, FAZEM MILAGRES

HABITAM as áreas libertadas cerca de 20 milhões de pessoas, das quais 18 milhões são camponeses, que constituem a massa fundamental da nação. O poder popular, dirigido pela classe operária, se apóia sobretudo nessa população camponesa. Uma reforma agrária foi realizada em benefício dos camponeses. Antes, 11 milhões não tinham terra. Hoje, todo cidadão, ao completar 18 anos, tem direito à terra. Os arrendamentos foram reduzidos de 50%, a usura liquidada, os impostos suprimidos e transformados num imposto único, em espécie. A distribuição da terra, porém, é feita em função

do objetivo principal: a luta contra o invasor. Muitas propriedades são conservadas, mas foram distribuídas as terras dos colonizadores (as melhores), as terras dos traidores e as comunais, que constituíam quase um quinto da terra a nível. Ao lado disso, atendeu a um apelo patriótico do governo, muitos proprietários até mesmo alguns latifundiários aderiram ao movimento de doação de terras, pelo qual os patriotas donos de terra contribuem voluntariamente para o bem-estar geral.

O entusiasmo da massa camponesa pela República não tem limite. Basta dizer o seguinte: a situação

ONZE MILHÕES DE CAMPONESES RECEBERAM TERRA, ARRENDAMENTOS REDUZIDOS A 56% — FABRICAS MUDADAS PARA AS FLORESTAS, ONDE CONTINUAM A PRODUIR — SALARIOS CINCO VEZES MAIS ALTOS — GRANDIOSAS REALIZAÇÕES DO GOVERNO DEMOCRATICO-POPULAR

alimentar do país havia se tornado gravíssima, em consequência da guerra feroz e do bloqueio imperialista e das secas e enchentes que nos anos de 1945-46 e 1949 causaram prejuízos incalculáveis. Nesta emergência, Ho Chi Minh lançou a palavra de ordem: «Nem um palmo de terra sem semente, nem um braço inativo». A

resposta a este apelo superou todas as expectativas. Hoje, a área semeada do país aumentou de 20%, liquidou-se a monocultura; somente a produção de algodão aumentou de 8 vezes. O povo vietnamita enfrentou todas as dificuldades e atualmente o país e o exército se abastecem plenamente, sem ajuda do exterior.

FÁBRICAS NAS FLORESTAS

A economia do país se reforça cada ano. E isto em que condições? As cidades e as fábricas tiveram de se mudar para as florestas. Muitas cidades e aldeias foram literalmente destruídas na primeira fase da guerra. O povo, porém, dirigido por seu partido, remove montanhas.

Aumenta de ano a ano a produção de tecidos. Novas indústrias foram criadas. Fundou-se o Banco Nacional da República, as finanças fo-

ram saneadas e criou-se uma nova moeda, o «dong viet», cujo valor é hoje maior do que o da velha piastra, mesmo nas áreas ocupadas pelos franceses. Amplia-se a produção do açúcar, do sal, de produtos químicos e farmacêuticos, inclusive penicilina, cuja produção foi iniciada no país graças aos homens de ciência, ao engenho e à iniciativa dos técnicos e operários vietnamitas. Em sete anos de poder popular, não obstante o caos da guerra, não houve nenhuma epidemia no país.

SALÁRIOS 5 VEZES MAIS ALTO

Os operários são os vanguardeiros da luta, tanto na frente como na produção. Estende-se nas empresas a emulação no trabalho, multiplicam-se os heróis da produção. Melhoram as condições dos trabalhadores cujos salários, hoje, são 5 vezes maiores do que ao tempo da dominação francesa.

OS GRANDES ALIADOS DO VIET-NAM

O povo do Viet-Nam não luta sozinho. Tem a apoiá-lo o poderoso e invencível campo da paz e do socialismo, dirigido pela União Soviética. Em 1950, a República foi oficialmente reconhecida pela U.R.S.S., a China e as Democracias Populares.

Ela conta com a simpatia e a solidariedade de todos os povos oprimidos da Ásia. São igualmente seus ativos aliados o proletariado e o povo da França, cuja luta contra a guerra imunda representa uma ajuda efetiva cada vez maior à libertação do Viet-Nam e já produziu seus heróis, como o marinheiro Henry Martin e a jovem Raymond Dien

OBJETIVO DE UM PROGRAMA: O SOCIALISMO

A força dirigente do Viet-Nam do todo o povo é o Partido Lao Dong. Seu programa parte de uma análise da sociedade vietnamita que é, hoje, em parte, uma democracia popular e, de outra parte, colonial e semi-feudal. A revolução atual tem como objetivo: expulsar os opressores imperialistas, extirpar os vestígios feudais e semi-feudais, entregar a terra aos camponeses e desenvolver o regime de democracia popular, construindo os fundamentos do socialismo no país.

As forças motrizes da revolução vietnamita são — segundo o programa — os operários, os camponeses, a pequena burguesia nacional, seguidos das personalidades e proprietários que se mostram patriotas e progressistas. A massa fundamental do povo é constituída pelos

operários, os camponeses e os trabalhadores intelectuais. A classe dirigente da revolução é a classe operária.

Trata-se de uma revolução nacional que visa conduzir o Viet-Nam ao socialismo. O caminho para o socialismo, porém, passa por árdua e prolongada luta, com diversas etapas. «A missão fundamental da Revolução na hora presente é levar avante a luta libertadora, até a vitória completa sobre o inimigo».

FATORES DA REVOLUÇÃO

O programa e a tática do Lao Dong se inspiram nos ensinamentos do camarada Stalin e particularmente na experiência do Partido Comunista da China. Como na China, os três fatores essenciais da revolução vietnamita são: o partido marxista-leninista (Lao Dong); a luta armada e a frente única (Lao-Viet).



Um dos objetivos principais do Exército de Libertação do Vietnam é expulsar os colonialistas do Viet-Nam, ou seja, o vale do Rio Vermelho, considerado o celeiro do Vietnam. Ali também se localizam as maiores indústrias do país, e as principais jazidas de zinco, cobre, wolframio, chumbo e bauxita

VENCEREMOS

VENCEREMOS SEM DUVIDA ALGUMA PORQUE NOSSA GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL É UMA GUERRA JUSTA. VENCEREMOS SEM DUVIDA PORQUE ESTAMOS ESTREITAMENTE UNIDOS, TEMOS UM SÓ PENSAMENTO, UMA SÓ RESOLUÇÃO: A LUTA. VENCEREMOS SEM DUVIDA ALGUMA PORQUE TODOS OS POVOS DEMOCRÁTICOS DO MUNDO NOS APOIAM. NOSSA LONGA RESISTENCIA SERÁ SEM DUVIDA ALGUMA VITORIOSA».

Presidente Ho-Chi-Minh

7 DIAS NO BRASIL

ELISA BRANCO VOLTA A PÁTRIA

Regressou da Europa Elisa Branco, a heroína do povo brasileiro, que acaba de ser laureada com o Prêmio Stalin Internacional Pelo Fortalecimento da Paz entre os Povos. Depois de ter participado do Congresso dos Povos Pela Paz, em Viena, Elisa Branco dirigiu-se a Moscou, onde recebeu o Prêmio Stalin em cerimônia solene realizada no Kremlin. Concorrida e carinhosa recepção lhe foi tributada no aeroporto do Galeão. Em outro local desta edição publicamos a mensagem de Elisa Branco ao povo brasileiro. No mesmo avião, chegou também o Ilustre partidário da paz, general Edgar Buxbaum, membro da comissão internacional enviada pelo Congresso dos povos para efetivar as resoluções tomadas no histórico conclave de Viena.

SINDICATOS CONTRA O ACORDO MILITAR

Nem a própria imprensa burguesa, que mente por omissão e por comissão, pôde esconder o fato: a assembleia geral do Sindicato dos Marceneiros do Distrito Federal aprovou vibrante resolução de repúdio contra o acordo militar. Mas a mesma imprensa achou forma de ignorar que igual atitude teve a assembleia do sindicato dos combativos mineiros de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

DIRETÓRIO DO PARTIDO LIBERTADOR CONTRA O ACORDO

EMBORA ainda não se conheça de público qual é a posição do deputado Raul Pilla, elevam-se vozes no seu partido exigindo a não ratificação do acordo militar. Notícias do Rio Grande do Sul, onde está o principal reduto do Partido Libertador, informam que o diretório desse partido na cidade serrana de Cruz Alta tomou posição contra o acordo militar. Ao mesmo tempo aumenta o número de câmaras municipais que se levantam contra essa carta de colonização do povo brasileiro pelos incendiários de guerra norte-americanos. Só no Rio Grande do Sul, mais cinco legislativos municipais responderam ao apelo dos eds de Pelotas. Assim, além do legislativo pelotense manifestaram-se as câmaras de Cruz Alta, Bom Jesus, Taquara e São Gabriel. A Câmara Municipal de São João da Boa Vista, em São Paulo, aprovou moção contra o acordo militar.

NEGOCIAR COM A URSS, AO MENOS INDIRETAMENTE

É isso o que quer o sr. Ruy de Almeida, presidente do Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro. Já há algum tempo que os observadores do nosso comércio exterior vêm anunciando que o café está para se tornar um produto «gravoso», isto é, um produto de exportação cujo custo é maior do que o preço que os americanos desejam pagar.

Os americanos estão fazendo com o café do Brasil o mesmo que os imperialistas ingleses já fizeram antes com a nossa borracha. Os ianques estão financiando e estimulando a produção cafeeira na África. Dessa forma, além da concorrência habitual da Colômbia, o café brasileiro passa a sofrer a crescente concorrência dos cafés de procedência africana, onde o custo de produção é mais baixo devido à exploração colonial do braço camponês.

Consequências: pressão baixista americana. Solução: procurar os ricos e prósperos mercados da URSS e das democracias populares. Pelo menos indiretamente, queixa-se o sr. Ruy Gomes de Almeida. Já é um passo. Mas os interesses nacionais exigem relações normais e regulares com os países do campo do socialismo e da paz, hoje como ontem prontos a comercializar com o Brasil na base do respeito e das vantagens mútuas.

ANIVERSÁRIO DUM CENTRO DE ESPIONAGEM

Os vende-pátria festejaram o 10º aniversário do SESP, Serviço Especial de Saúde Pública, organização americana de espionagem, financiada e controlada pelos americanos em nossa Pátria. O Sesp, sob a máscara de serviço de saúde, mantém espíões americanos em 71 municípios principalmente nos Estados de Amazonas, Pará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais e o Espírito Santo. É fácil verificar que os americanos se distribuem pelas regiões de interesse econômico e militar para o domínio ianque de nossa Pátria. Estão metidos na Hileia Amazônica, no estratégico saliente do Nordeste, na região petrolífera da Bahia, na zona da mineração do ferro e manganes de Minas Gerais e ao longo do Vale do Rio Doce até o porto de escoamento de Vitória no Espírito Santo.

A CARTA DE JAFFET

O magnata Ricardo Jaffet, aliado do Banco do Brasil, fez divulgar uma carta a Getúlio na qual surge, como consequência de sua rivalidade com o tubarão Horacio Lafer no serviço aos americanos, algumas revelações. Já se viu que o esquema Lafer de venda do algodão garante lucros de 15% a 200 milhões à SANRA e ANDERSON CLAYTON. Mas Jaffet mostra, involuntariamente embora, como os americanos estão liquidando o Banco do Brasil. Entre as medidas de enfraquecimento e desmembramento do Banco do Brasil figuram as atribuições e prerrogativas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. Ora, esse é justamente o Banco fundado por Getúlio por ordem da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, para financiar as obras por ela determinadas.



A ESQUERDA — Festa inauguração de uma nova ferrovia de 170 quilômetros de extensão, que atravessa as montanhas do noroeste da China. Na frente da locomotiva, o rei de Mão Tee Tung. EM BAIXO — Freiras católicas participando alegremente de uma manifestação pró-paz em Pequim.



Em Moscou, na Casa dos Sindicatos, reuniram-se os representantes de todas as organizações de partidários da pátria da União Soviética. Foi um espetáculo grandioso, aparecendo no flagrante parte da assistência e o acadêmico Petrovski, reitor da Universidade Lomonosova, quando pronunciava o discurso de abertura da histórica reunião.

Guerra se faz com soldados

(Conclusão da página 12)

dio dos banqueiros, generais, almirante e brigadeiros ianques que infestam nossa Pátria têm formulado a exigência de tropas brasileiras para a Coreia. Mais de um plano concertado às escondidas do povo, na sombra subreptivamente. Até aqui o mais audacioso desses planos dos gangsters imperialistas consistiu em tentar enviar para a Coreia um dos dois cruzadores (o «Barroso» ou o «Tamarandé»), duas latas velhas compradas aos EE. UU. a peso de ouro. A trama foi denunciada a tempo e por isso fracassou, como confessa, desconsolado, o agente americano Carlos Lacerda, em artigo publicado na «Tribuna de Imprensa» de 4 de novembro do ano passado.

NOVA E MAIOR AMEAÇA

Agora, os belicistas americanos, com a cumplicidade de meia dúzia de traidores da Pátria, tendo à frente Getúlio Vargas, tentam atingir o sinistro objetivo através de um caminho «legal»: o «Acordo de Assistência Militar» Brasil-Estados Unidos. No seu preâmbulo, o «Acordo Militar» fala da necessidade de «cooperar plenamente na tarefa de proporcionar forças armadas às Nações Unidas», o que é o mesmo que falar em enviar forças armadas para Coreia». E sob o disfarce das Nações Unidas que os imperialistas americanos fazem a guerra na Coreia.

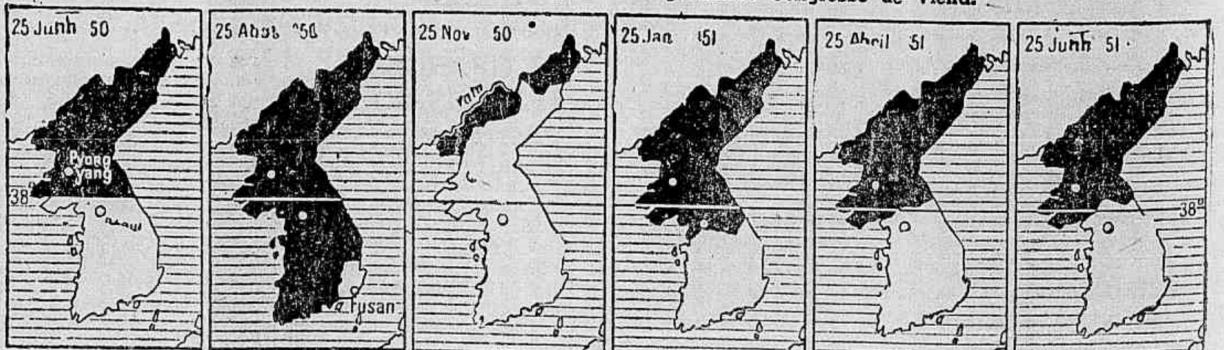
UMA CONTRIBUIÇÃO DECISIVA

É através desse «Acordo» que Getúlio espera cumprir

a promessa que fez aos Estados Unidos. A 30 de junho de 1951, respondendo às solicitações a fim de mandar jovens brasileiros para a Coreia, Getúlio afirmou que o faria «em tempo útil».

A permanente vigilância dos brasileiros, que não fazem o menor segredo de sua determinação de não irem para a Coreia — nem amarrados —, como diz o povo — tem feito fracassar todas essas maquinacões. «Destaca-se aqui, pela sua grandexa e significação, o heroico gesto de Elisa Branco, desfaldando a faixa célebre: «Os soldados nossos filhos, não irão para a Coreia». Por corresponder ao mais legítimo anseio das massas populares brasileiras, Elisa Branco conquistou um lugar no coração do nosso povo e — já agora — de todos os povos que exprimem seu entusiasmo pela concessão do Prêmio Stálin da paz a essa nobre filha do Brasil.

Se outros motivos não houvesse — e os há sob todos os aspectos — para o combate sem quartel ao infame «Acordo Militar», até sua completa derrota, esse seria mais do que bastante para mobilizar o povo brasileiro para a luta e a vitória sobre o «Acordo». Derrotá-lo é assentar um golpe decisivo em todos os planos para o envio de jovens brasileiros para a Coreia. Será a mais vigorosa contribuição do nosso povo para impelir os delirantes homens de negócio dos Estados Unidos a aceitar a exigência de cessação imediata do fogo na Coreia, formulada pelos povos no grandioso Congresso de Viena.



Como se pode ver acima, não há qualquer esperança de êxito para os imperialistas americanos na Coreia, terra que se transformou no túmulo dos agressores. Nossos jovens jamais aceitarão tão negro destino.

Hoje, como há 35 anos,

A URSS Realiza Uma Política de Paz e Amizade

Entre os povos

I

A União Soviética Sempre Defendeu a Causa da Paz

«Desde os primeiros dias de existência do Estado Soviético, o Partido Comunista proclamou uma política de paz e de relações amistosas entre os povos, política que aplica desde então.» (MALENKOV, Informe ao XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética).

★ 1917. No primeiro dia de sua existência o governo soviético publicou seu famoso «decreto sobre a paz» convidando os povos e os governos a entabular imediatas negociações para a paz geral.



Декретъ о мирѣ,
принятый единогласно на засѣданіи Всероссийскаго Съѣзда Советовъ Рабочихъ, Солдатскихъ и Крестьянскихъ Депутатовъ
26 октября 1917 г.

Fac-simile do histórico número de 'Izvestia', de 27 de Out. de 1917, no qual é publicado o decreto da paz, pelo qual o governo soviético, recém-instalado, propunha a todos os países beligerantes e a seus governos entabular imediatamente negociações para a conclusão de uma paz geral, justa e democrática, de uma paz sem anexações nem contribuições de guerra.

★ 1922. Na Conferência de Gênova a URSS apresenta um projeto de redução dos armamentos. O projeto é rejeitado pelos imperialistas.

★ 1927. Em Genebra, na Conferência pela limitação dos armamentos, a delegação soviética propõe o desarmamento geral. O projeto é rejeitado pelos imperialistas.

★ O projeto de redução progressiva e proporcional dos armamentos é aprovado, mas nunca aplicado.

★ 1934. A União Soviética propõe que a Conferência de Desarmamento se transforme em Conferência de Paz, a se reunir periodicamente. O projeto é rejeitado pelos imperialistas.

«A União Soviética não tem culpa de que os círculos reacionários dos Estados Unidos e dos países da Europa Ocidental tenham torpedeado a política de segurança coletiva, encorajado a agressão hitlerista e conduzido ao desencadeamento da segunda guerra mundial.» (MALENKOV)

★ 1934. A situação internacional complicava-se. A URSS ingressou na Sociedade das Nações, realizando ali uma atividade intensa em defesa da paz.

★ 1934-1935. Diante da crescente ameaça guerreira do fascismo, a URSS procura desenvolver a segurança coletiva para todos se defenderem juntos contra o agressor fascista. Contrariamente, os impe-

rialistas anglo-franceses assinam o Pacto a política de «não intervenção», procuram lançar o fascismo agressor contra a URSS.

★ 1936-1938. A URSS é o único Estado a apoiar lealmente o Governo republicano contra Franco e a agressão italo-alemã.

★ 1938. A Tchecoslovaquia encontra-se diante da agressão nazista. A União Soviética é a única a apoiá-la. A mesma coisa acontecera antes com a Austria. A Inglaterra e a França abandonam a Tchecoslovaquia à própria sorte, assinando com Hitler o vergonhoso tratado de Munich.

Com este ato, os imperialistas ingleses, franceses e americanos encorajam a agressão hitlerista, esforçam-se por desencadeá-la contra o Estado dos Trabalhadores.

★ 1939. Stálin propõe à França e à Inglaterra uma aliança militar para a defesa comum contra o agressor fascista. Os governos desses países sabotam as negociações, ao mesmo tempo que procuram lançar a Alemanha contra a URSS.

★ 23 de agosto de 1939. Às vésperas da guerra, a URSS assina com a Alemanha um pacto de não agressão, quebrando a coalizão anti-soviética e buscando garantir a paz. Com este ato, ganhou a União Soviética o tempo que necessitava para preparar-se contra a agressão fascista alemã.

Os povos do mundo devem à União Soviética o terem sido salvos, na segunda guerra mundial, da avidão fascista.

II

A União Soviética Continua A Realizar uma Firme Política de Paz

«Depois da segunda guerra mundial, o Partido continuou a fazer uma política exterior destinada a assegurar uma paz sólida e duradoura e a desenvolver a cooperação internacional.» (MALENKOV)

★ Julho de 1950. Stálin responde favoravelmente à proposta de Nehru de realizar conversações sobre o conflito coreano.

★ Agosto de 1950. Malik propõe na ONU um plano par acabar com a guerra na Coreia: terminação das hostilidades e retirada das tropas estrangeiras.

★ 23 de junho de 1950. Proposta de Malik sobre conversações de armistício na base da retirada das tropas a um e outro lado do paralelo 38°.



Os representantes da URSS na ONU batem-se contra a agressão e pela libertação dos povos. No clichê, Malik falando na sessão da Organização das Nações Unidas, de 23-6-53.

5 de agosto de 1951. Mensagem de Shvernik a Truman propondo a conclusão de um Pacto de Paz entre os cinco grandes.

10 de março de 1952, 6 de abril, 24 de maio, 23 de agosto. Incansáveis demarches da URSS para resolver pacificamente o problema alemão.

★ 31 de março de 1952. Resposta de Stálin a um grupo de jornalistas americanos: «A coexistência pacífica do capitalismo e do comunismo é perfeitamente possível».

★ 10 e 24 de novembro de 1952. Vishinski pede na ONU a cessação de fogo na Coreia.

«Não só as propostas formuladas pela URSS, mas também seus atos comprovam sua dedicação à causa da paz», (MALENKOV).

★ Depois da guerra, a União Soviética reduziu suas forças armadas ao nível de antes da guerra.

★ Terminada a guerra as tropas soviéticas foram retiradas de todos os países onde haviam entrado em perseguição ao agressor fascista.

★ 12 de março de 1951. O Soviet Supremo da URSS adotou uma lei de defesa da paz que condena a propaganda de guerra como o maior crime contra a humanidade.

«A URSS continua disposta a cooperar com os Estados Unidos, a França e a Inglaterra, dentro do respeito às normas internacionais de paz e visando salvaguardar uma paz sólida e duradoura.» (MALENKOV)



Na luta pela Paz, a URSS ocupa a vanguarda. No clichê aparece Stálin, grande dirigente do povo soviético e campeão da paz mundial.

★ Esta disposição tem sido reafirmada repetidas vezes pelos dirigentes soviéticos:

★ 21 de dezembro de 1952. Respostas de Stálin a um jornalista americano: a «guerra fria» realizada contra a URSS é a causa da tensão internacional; os Estados Unidos e a União Soviética podem continuar a viver em paz; Stálin está pronto a encontrar-se com Eisenhower; a União Soviética apoia qualquer iniciativa diplomática destinada a pôr termo à guerra na Coreia.

GUERRA SE FAZ COM SOLDADOS

As mães americanas reclamam a volta dos seus filhos, aumentam as deserções nos Estados Unidos, os povos resistem a ser transformados em carne para canhão; mas, os trustes querem alastrar a guerra da Coreia e Eisenhower exige o sangue dos jovens brasileiros

«Nosso objetivo é equipar soldados de outros países para que deixem seus filhos irremediavelmente mortos, a fim de que não tenhamos de enviar os nossos». Com essas palavras rudes o senador Cannon traduziu os planos dos imperialistas americanos. O senador Taft, seu colega, figura a maior projeção no atual governo dos Estados Unidos, falando em maio de 1951 na «Associação do Canal do Panamá», exprimiu esse mesmo pensamento em termos de dólares: «É mais barato fazer a guerra com soldados das nações estrangeiras, mesmo se os equiparmos, do que com tropas norte-americanas». O custo de um soldado «ocidental» é calculado, hoje, em 12.700 dólares e amanhã será

ainda maior, porque os fabricantes de armamentos querem lucros máximos.

Entretanto, aqui o dólar se revela uma moeda fraca... A despeito dos bilhões votados para fins militares, muito poucos foram os soldados de «outros países» que os Estados Unidos conseguiram arrastar ao matadouro da guerra na Coreia. As mães de todo o mundo não estão convencidas de que a vida dos seus filhos pode ser medida em dólares. Esta é uma das causas do fracasso da política americana de arrebatar carne de canhão em «outros países» e que já agora encontra tremenda resistência dentro do seu próprio covil.

DO SOLDADO REYNOLDS ESCRIBE DO FRONT

A 29 de dezembro último, o «Sun Telegraph», de Pittsburgh, publicou significativa carta do soldado americano Frank Reynolds, que se encontra na Coreia. Condenando acerbamente a rutura das negociações de armistício, pelos americanos, diz o soldado: «O ano transcorrido na Coreia demonstra que o inimigo não sofreu uma só derrota e que nossa situação na Ásia em nada melhorou. Eu creio, inclusive, que piorou. A vasta ofensiva aérea atual se realiza por métodos muito brutais e creio que nos separou ainda mais daqueles que poderiam ser nossos amigos na Ásia. Esta ofensiva não traz qualquer resultado positivo... Em tudo isso é impossível encontrar qualquer sentido, seja qual for o prisma sob o qual se olhe».

A absoluta falta de entusiasmo do soldado Reynolds para lutar contra os coreanos reflete por completo o clima reinante nos Estados Unidos. A imprensa americana, toda ela de propriedade dos trustes que lucram com a guerra na Coreia, não pode ocultar este estado de animo do povo americano. O «Sun-Times», de Chicago, também de 29 de dezembro informava que recebe uma infinidade de cartas de seus leitores que demonstram que eles os leitores não «compreendem» a atitude dos Estados Unidos em relação à Coreia... O «Twin City Sentinel», de Winston-Sale, na Carolina do Norte, informa que a guerra na Coreia agita a opinião pública. O próprio «Wall Street Journal», órgão dos magnatas da bolsa de Nova York, confessou com lastima que a resistência de Eisenhower chegam muitas cartas, nas quais os leitores declaram que «o que mais desejam é que cesse a guerra na Coreia». O mesmo «Wall Street Journal» insere uma carta de uma mãe americana de Chicago, que escreve que se o novo governo não põe termo à guerra na Coreia nós sentiremos decepções e enganados».

GUERRA IMPOPULAR. RECONHECE TRUMAN

Pouco antes de deixar a Casa Branca, Truman reconheceu ao «Washington Post» que a guerra na Coreia é impopular.

«... é uma espécie de resumo do seu governo. Entre outras coisas, disse que a guerra na Coreia era a princípio apoiada pelo povo, mas agora se tornou impopular nos Estados Unidos. Atribuiu a esse fato «não ter podido estabelecer contacto com o povo», culpando por isso os republicanos que «especulam com as baixas e exploram os sentimentos das mães, esposas e noivas». Entretanto, como escreve o mesmo «Washington Post», não foram os republicanos que inventaram a impopularidade dessa guerra: simplesmente tiraram partido eleitoral da impopularidade. E o jornal de Washington acrescenta: «Quem quer que tenha viajado por nosso país nos últimos três meses terá percebido facilmente que a prolongada efusão de sangue na Coreia é a principal causa de mal-estar».

POR QUE NÃO VIVER COMO GENTE?

Expressivo, também, é o resultado de um inquérito efetuado entre granjeiros e proprietários rurais do Estado de Iowa, pela revista «Walla-

ces Farmer and Iowa Homestead». «Que orientação devemos seguir na Coreia?» — perguntou a revista. Trinta e quatro por cento dos consultados se pronunciaram pela retirada total das tropas da Coreia; outros trinta e quatro pela assinatura imediata do armistício. Um dos inquiridos, um granjeiro do distrito de Gutrie, acrescentou:

— Por que não podemos terminar com esta empresa infernal e viver novamente como gente?

UM «VOLUNTARIO...»

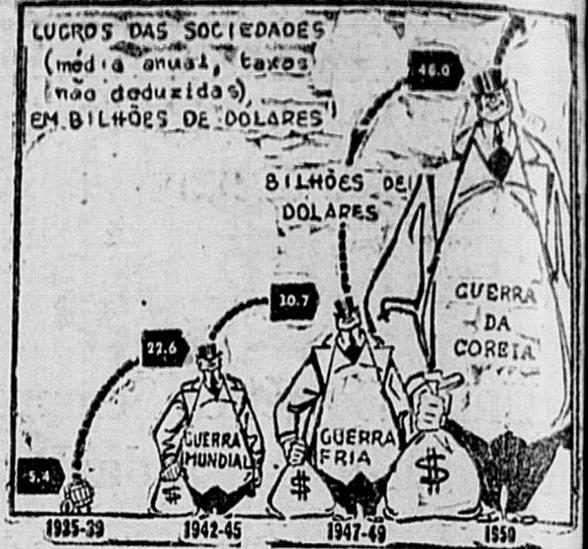
Jorgen Valtoft é um dinamarquês que conseguiu voltar com vida da Coreia. Os jornais de Copenhagen foram ouvidos. Assoalhavam que ele havia sido «voluntário» e — quem sabe? — poderia até animar outros jovens a seguir-lhe o exemplo. Mas, o tiro saiu pela culatra... Eis o que disse Jorgen:

— Ninguém pode ir como voluntário para a Coreia, já que aquilo é um inferno. E acrescentou: «A meu ver, isto não se pode fazer voluntariamente se se tem esposa e filhos. Mas ainda que eu fosse solteiro, não o faria outra vez...»

Para os ingleses, informam as agências telegráficas, a guerra na Coreia não passa de uma guerra dos americanos. Segundo as estatísticas, as informações relativas à agressão à Coreia ficaram em quarto lugar entre os fatos que a imprensa britânica deu maior destaque no ano de 1952.

E OS QUE MANDAM TROPAS?

São gerais as queixas dos soldados de outros países que foram mandados para lutar ao lado dos americanos na Coreia. Em geral recebem as missões mais difíceis na frente de batalha e por isso suas baixas são elevadíssimas. Na chamada «ofensiva de outono», em setembro de 1951, os batalhões belga e holandês, assim como o regimento portorriquenho, sofreram pesadas baixas. A brigada turca, depois de renovar os seus efetivos pela terceira vez, acabou quase que completamente aniquilada. Tal foi a indignação da opinião pública na Turquia diante do fato, que a própria imprensa de Estambul, imprensa do governo marsha-



Eis como crescem os lucros das grandes empresas ianques com a guerra

lizado e fascista, não pôde deixar de refletir com lamurias contra os americanos o estado de animo do povo. E os sobreviventes do batalhão colombiano, chegaram mesmo a ver «gigantes vermelhos» entre os combatentes do Exército Popular Coreano...

BAIXAS ASTRONÔMICAS E DESERÇÕES EM MASSA

Até fevereiro do ano passado, isto é, há quase um ano, as baixas dos agressores na Coreia se elevavam a 779.000 homens. Já por essa época, as baixas americanas eram superiores às sofridas pelos Estados Unidos durante os quatro anos da última guerra mundial na frente do Pacífico. Há poucas semanas, numa turca com Truman, o carniceiro Mac Arthur revelou que somente depois de sua saída da Coreia, os americanos haviam perdido 70 mil homens.

Estes números mostram que a Coreia é o túmulo dos agressores. A prova de que todo mundo o compreende é que ninguém quer ir morrer na Coreia. Nos Estados Unidos, o número declarado de desertores é de mais de 30 mil. Muitos estão pre-

parados e submetidos a conselhos de guerra. Outros passam a clandestinidade, mudam de cidade, de nome e de profissão... E numerosos são também os que, para escapar com vida ao matadouro da guerra, preferem viver como bichos, metidos nas cavernas ou vagando pelos vastos campos dos Estados Unidos. É desta semana a notícia de que o Tribunal Militar de Nova York condenou à prisão um oficial e 87 soldados por se haverem recusado a lutar contra o heroico e indomável povo coreano.

Na Coreia do Sul, 75 por cento dos jovens entre 19 e 25 anos, convocados pelo governo títere de Singman Rhee, em outubro de 1951, não se apresentaram às autoridades.

Desta semana é também a revoltante notícia de que os soldados e oficiais do 65º Regimento, filhos de Porto Rico, um país latino-americano que os Estados Unidos acabam de anexar, foram julgados por um tribunal militar. De que são acusados? De se haverem sublevado, em outubro último, recusando-se de prosseguir numa guerra inútil e estúpida, por uma causa que é a dos seus opressores. Os juizes desse tribunal não foram portorriquenhos, porém americanos!

POR QUE NÃO FAZEM A PAZ?

Mais de dois anos e meio de guerra na Coreia são a prova inotismável da impotência dos agressores ianques para derrotar o povo coreano. Já em fevereiro de 1951 advertia o grande Stalin: «Se a Inglaterra e os Estados Unidos rejeitarem definitivamente as propostas pacíficas do governo popular da China, a guerra na Coreia não poderá terminar senão pela derrota dos intervencionistas». Embora os fatos estejam confirmando integralmente as palavras de Stalin, os agressores americanos teimam em prosseguir na guerra, se recusam a aceitar as propostas para cessação imediata do fogo e tentam alastrar mais ainda o conflito.

Por que isto acontece? Porque se para o povo americano a guerra é dor e morte, privações e sofrimentos, para os trustes que governam os Estados Unidos é o melhor dos negócios. Os fabricantes de armamentos não cessam de aumentar os preços de suas sinistras mercadorias. Um vigar para lançamento de bombas, que custava 5 mil dólares durante a segunda guerra mundial, custa hoje 250 mil dólares; um avião de caça passou de 45 mil dólares para 375 mil; por um tanque médio o governo ianque paga hoje à «General Motors» 300 mil dólares, ao passo que o mesmo tanque, durante a última guerra, não custava mais de 80 mil.

Depois da deflagração da guerra da Coreia, subiu de 17 para 27 o número de trustes americanos com lucros superiores a 1 bilhão de dólares por ano. Eis por que Eisenhower — que chefia o mais ostensivo governo de trustes jamais formado no mundo — depois de ter prometido acabar com a guerra na Coreia se prepara para alastrá-la mais ainda, mesmo quando a Inglaterra e outros países não mostram qualquer entusiasmo em morder este anzol.

A GUERRA SE FAZ COM SOLDADOS

Mas, para manter a guerra, os americanos precisam de soldados, de carne para canhão. Por isso, voltam as vistas para outros países, olham com particular interesse para o Brasil. Repetidas vezes, o governo americano, quer oficialmente, quer através da ONU, ou ainda por interme-

(Conclui na 4ª página)



... é assim que os americanos tratam os soldados de outros países. Qual o jovem brasileiro que quer ser empurrado a tal matadouro?